

LUGARES DE MEMÓRIA - PORTO



Marco Antunes

FICHA TÉCNICA

Título

Lugares de Memória - Porto

Design Gráfico

Marco Antunes

Ilustrações

Marco Antunes

Orientação

Rui Vitorino dos Santos

Tipografia utilizada

Neue Haas Grotesk

Impressão

Gráfica Qualquer Ideia

1.ª Edição

Porto, Setembro de 2023

Tiragem

3 exemplares

Agradecimentos

Rui Vitorino dos Santos

Aos demais docentes da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto que deram apoio direto ou indireto ao projeto.

LUGARES DE MEMÓRIA - PORTO

“A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenómeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado.”

(Nora, 1993, p.9)

ÍNDICE	Apresentação	09 - 11
	I. Palácio da Batalha	12 - 19
	II. Palacete dos Viscondes de Balsemão	20 - 27
	III. Palácio das Sereias	28 - 35
	IV. Palácio dos Condes de Azevedo	36 - 43
	V. Palacete Silva Monteiro	44 - 50
	VI. RC Restaurante/Edifício Forrester	51 - 56
	VII. Santos & Irmãos Molduras	57 - 65
	VIII. Casa Januário	66 - 72
	IX. BFG Ferragens e Decoração	72 - 78
	Referências	83 - 87

APRESENTAÇÃO

A OBRA

No coração da cidade do Porto, em Portugal, erguem-se edifícios que testemunharam o passar dos séculos e presenciaram os mais diversos acontecimentos. São verdadeiros guardiões da história, cujas fachadas contam histórias de tempos idos e revelam a identidade única da cidade Invicta. “Lugares de Memória - Porto” é uma obra que observa de frente e explora por detrás das fachadas do património histórico da cidade, convidando o leitor a explorar alguns dos edifícios emblemáticos, porém menos conhecidos, que compõem a sua paisagem urbana, revelando as suas fachadas e partilhando as histórias que moldaram a sua existência ao longo dos anos.

Cada capítulo deste livro é dedicado a um edifício, apresentando a ilustração da fachada principal, seguida de pormenores e recortes da mesma. Após essas imagens, encontram-se textos retirados de livros, entrevistas, websites, artigos e documentários, que narram parte da história desses locais, destacando eventos marcantes entrelaçados com relatos sobre os habitantes, e demonstrando a relevância que mantêm para o património histórico e as identidades locais. “Lugares de Memória - Porto” busca ir além da mera contemplação visual. A cada página, o leitor é convidado a mergulhar nas histórias que permeiam os edifícios.

Além disso, “Lugares de Memória - Porto” apresenta ilustrações representativas com o aspeto de silhuetas, que tentam evocar as ideias e a memória coletiva, complementando as narrativas com uma abordagem que agrega imagens à nossa memória sobre esses locais, sempre associada à imaginação. Estas silhuetas representam acontecimentos contados nos textos, conferindo uma atmosfera mais nostálgica à narrativa.

Entre os edifícios retratados em “Lugares de Memória - Porto” estão cinco palacetes notáveis: o Palácio da Batalha, o Palacete dos Viscondes de Balsemão, o Palácio dos Condes de Azevedo, o Palácio das Sereias (Bandeirinha) e o Palacete Silva Monteiro. Além disso, três lojas tradicionais ganham destaque: a loja de molduras Santos & Irmãos, a mercearia Casa Januário e a loja BFG Ferragens. Também é explorado o RC Restaurante, antigo Restaurante Commercial, localizado no Edifício Forrester, que se enquadra, no contexto deste artefacto gráfico, tanto na tipologia de loja tradicional quanto a de palacete.

“Lugares de Memória - Porto” é uma obra que busca partilhar parte da riqueza histórica e cultural da cidade, convidando o leitor a conectar-se com o passado e a apreciar a importância desses lugares para a identidade da cidade. Através das suas ilustrações, este livro tenta homenagear alguns tesouros arquitetónicos que resistem ao tempo, com o intuito de auxiliar a perpetuar a memória coletiva desses locais e a preservar a identidade dos mesmos.

O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DO PORTO

O Porto é uma cidade portuguesa localizada ao norte do país, situada na margem direita do rio Douro, próximo à sua foz. A cidade apresenta uma paisagem característica com construções simples viradas para a Ribeira, destacando-se as torres das igrejas. A sua história está intrinsecamente ligada à formação de Portugal e da cultura portuguesa, sendo influenciada pela geografia local e sempre associada ao rio Douro, um importante fator económico, eixo de comunicação e elemento unificador. O seu centro histórico é, desde 1996, Património Cultural da Humanidade, sendo praticamente intocado e livre de construções modernas (Centro Nacional de Cultura, 2016).

O Centro Histórico do Porto, assim como grande extensão da cidade além do mesmo, é composto principalmente por uma grande massa de duas tipologias de edifícios urbanos. A primeira é composta, em sua maioria, por prédios altos com três ou quatro pisos, às vezes chegando a cinco, com duas ou três janelas ou portas de frente, predominantemente estreitas e altas. A segunda, menos comum, são as casas largas e baixas, com rés-do-chão e andar nobre, repleta de portas e janelas na fachada. As casas estreitas e altas (casas burguesas) surgiram como um tipo híbrido que combinava a residência com a atividade comercial da época, pertenciam à burguesia e abrigavam lojas, armazéns e oficinas no rés-do-chão e, nos andares superiores, a habitação. Já as casas largas e baixas (palacetes) eram a moradia nobre, com espaços amplos que demonstravam prestígio e poder, refletindo o conceito de casa senhorial do campo (Coimbra & Romão, 2011).

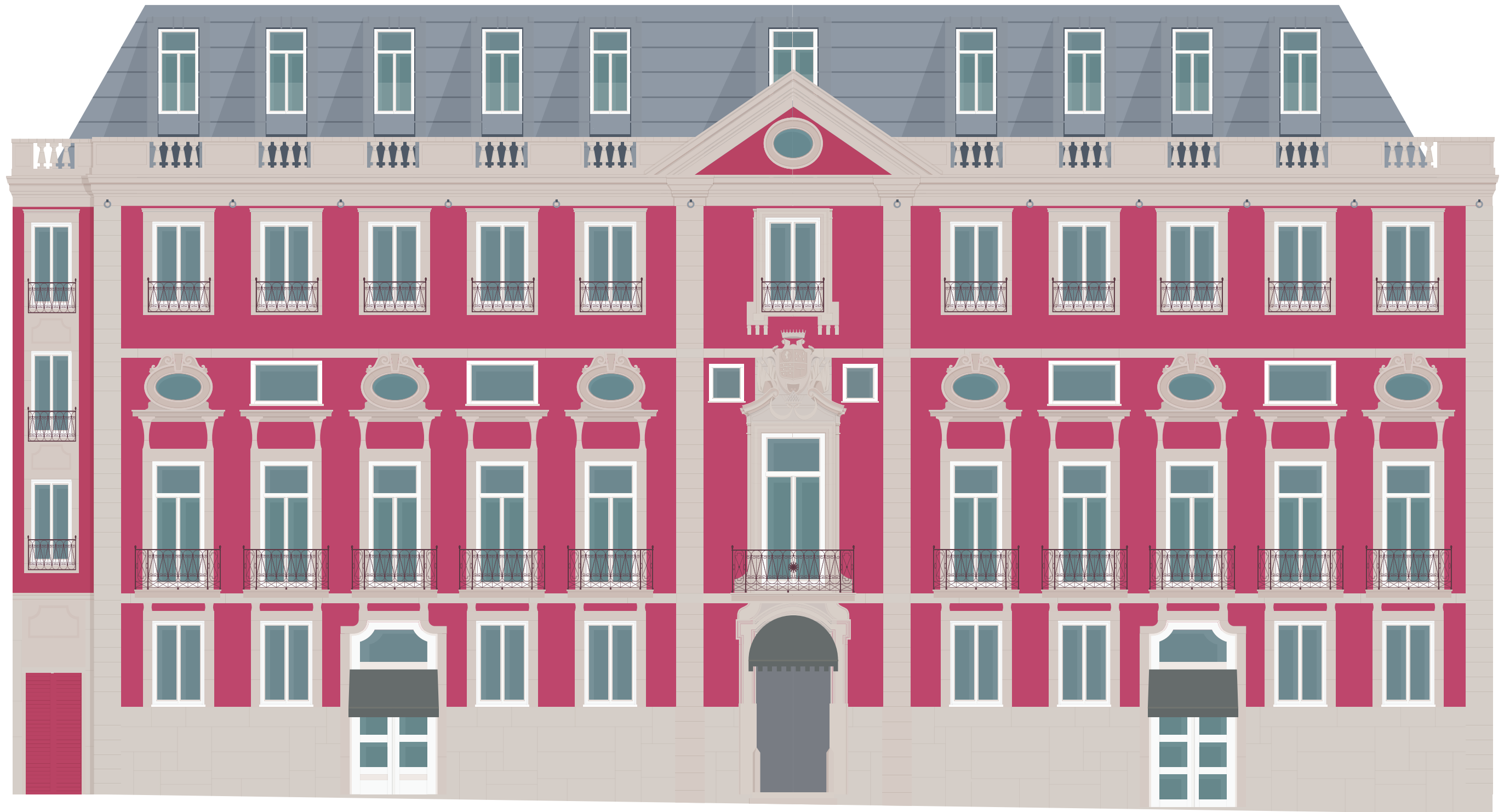
O património arquitetónico no Porto tem grande relevância no que toca à definição da sua identidade e a do seu próprio povo, assim como na preservação da memória da cidade, pois representa a herança cultural e histórica da mesma, refletindo as suas tradições e os modos de vida passados. Essa uniformização e as características similares entre o património edificado criam uma homogeneidade que ajuda a manter a identidade e a singularidade da cidade.

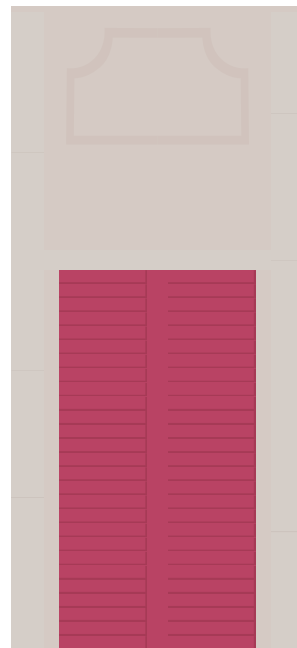
LUGARES DE MEMÓRIA

A memória de uma cidade diz respeito às memórias coletivas e às narrativas históricas que moldam a identidade e o sentido do lugar de uma determinada cidade. Isto pode incluir memórias de eventos, figuras e marcos importantes, bem como as experiências vividas pelos residentes da cidade. O historiador francês Pierre Nora desenvolveu o conceito de “lugares de memória”, que são espaços físicos ou simbólicos que representam eventos ou aspetos significativos da história e cultura de uma sociedade. Eles podem ser monumentos, museus, ruas, rituais, símbolos ou qualquer outra coisa que seja utilizada para lembrar ou evocar uma memória coletiva (Farr, 2012).

Esses lugares são criados para estabelecer uma conexão entre o presente e o passado, preservar a memória coletiva e construir uma identidade para uma comunidade. Nora argumenta que é importante preservar esses lugares de memória, pois eles moldam a identidade de uma sociedade e influenciam a sua visão de si mesma. No entanto, Nora também reconhece que esses lugares de memória podem ser reinterpretados ou esquecidos com o tempo e o seu significado pode ser perdido ou alterado. Portanto, é necessário garantir a sua preservação e relevância para as gerações futuras. Esse conceito pode ser aplicado em diversos contextos, como na preservação do património cultural e na construção de identidades coletivas em diferentes grupos sociais (Nora, 1989).

A partir deste conceito, podemos considerar então a ideia de que os nove edifícios que compõem este livro são considerados como lugares de memória, resultando também na ideia de nome para o mesmo, pois estes locais representam e ajudam a preservar uma parte da identidade local e memória coletiva da cidade do Porto, transcendendo a sua função original de edifício para tornarem-se também em símbolos carregados de significado.



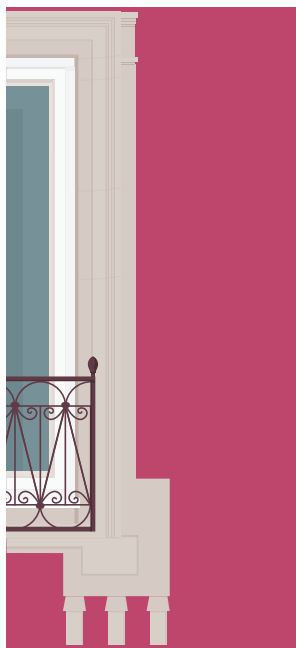
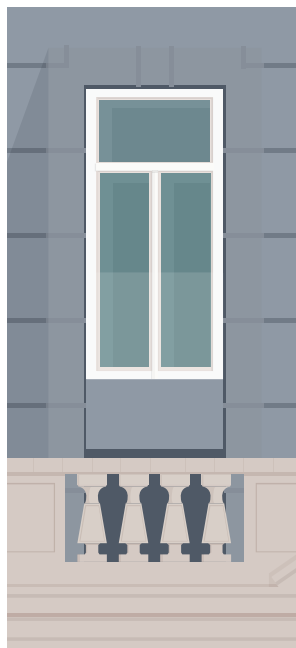


I. PALÁCIO DA BATALHA

Praça da Batalha, 60

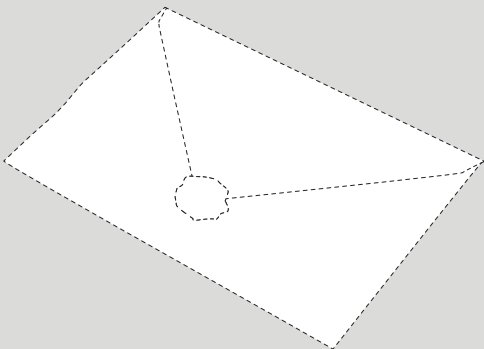
DESCRIÇÃO DO BRASÃO

Escudo: Francês ou Quadrado
 Formato: Esquartelado (partido e cortado)
 Leitura: I - Silva, II - Guedes; III - Melo e IV - Pereira



O PALÁCIO

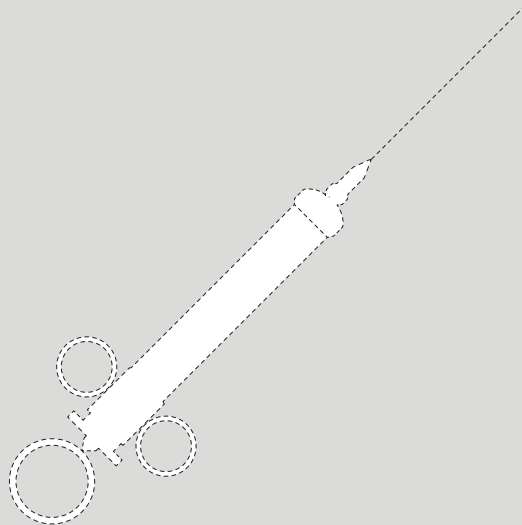
O Palácio da Batalha, também conhecido no passado como Palacete dos CTT, é uma imponente, luxuosa e alta construção de planta retangular, composta por três pisos e mezanino. Foi mandado construir por José Anastácio Guedes da Silva da Fonseca, um fidalgo cavaleiro da Casa Real, nos fins do século XVIII. Após o falecimento de José Anastácio, o palácio passou para as mãos de Manuel Guedes da Silva e, posteriormente, para o seu filho, Manuel Pedro Guedes da Silva da Fonseca, que residiu ali com a sua família até 1832 (Cunha, 2011).



O palacete é uma construção de grandes proporções, bem dividida e luxuosa. Conta-se que o seu salão de baile, onde outrora se realizavam animadas festas, era um dos maiores da cidade, perdendo apenas para o da Casa da Feitoria (Inglesa)¹ na Rua do Infante D. Henrique. Nas traseiras do palacete existia um vasto jardim que foi parcialmente ocupado por construções posteriores após a instalação da estação central dos CTT no prédio (Cunha, 2011; NCultura, 2019).



A GUERRA CIVIL



Durante o Cerco do Porto em 1832², os proprietários do palácio, partidários dos miguelistas, abandonaram a residência e refugiaram-se na Quinta da Aveleda. O governo liberal tomou posse do palacete e o utilizou para diversas repartições públicas, incluindo como hospital de sangue durante a guerra civil (Cunha, 2011; NCultura, 2019).

Em 1842, sob o reinado de D. Maria II, o palacete foi restituído ao seu proprietário, Manuel Pedro Guedes da Silva da Fonseca, mas apresentava danos significativos devido à ocupação durante o tempo do Cerco.

Em 1861, a Câmara Municipal nivelou o Largo da Batalha para erigir o monumento a D. Pedro V, resultando num desnível entre o pavimento da praça e o palacete. A Câmara compensou os proprietários com 800.000 réis para reparar os danos, e Manuel Guedes aproveitou os fundos para rebaixar o pavimento inferior do palácio até ao nível da praça, conferindo mais elegância à construção.

Pouco tempo após essas obras, os proprietários passaram a residir no palacete com menor frequência. Em 1863, o rico recheio do palacete foi a leilão e, no ano seguinte, o edifício foi alugado ao Estado para a instalação da estação central dos CTT, da Direção das Obras Públicas e outras repartições, acabando o Estado por o comprar, em 1881 (Cunha, 2011; NCultura, 2019).

1. A Feitoria Inglesa é uma instituição histórica localizada no Porto. Ela foi originalmente fundada como uma associação comercial por mercadores britânicos residentes na cidade. A principal função da Feitoria era facilitar as trocas comerciais entre Portugal e a Inglaterra, especialmente no que diz respeito ao comércio de produtos como lã, bacalhau e vinho, incluindo o famoso Vinho do Porto.

Ao longo dos anos, a Feitoria Inglesa desempenhou diversos papéis, incluindo consulado, estalagem, clube social e centro da vida comunitária da comunidade britânica. Ela também serviu como ponto de encontro para negociações comerciais e sociais entre os mercadores britânicos e os agricultores locais.

O edifício da Feitoria, construído em estilo Palladiano, é um marco arquitetónico e abriga salas decoradas com móveis históricos, uma coleção de Porto Vintage e espaços de convívio. Apesar das mudanças no seu papel ao longo do tempo, a Feitoria Inglesa ainda mantém a sua importância histórica e cultural, representando a relação comercial e cultural entre Portugal e a Inglaterra, especialmente no contexto do comércio do Vinho do Porto (Lopes, 2017).

Durante o Cerco do Porto, o palácio desempenhou um papel relevante num episódio de bravura. Em 10 de outubro de 1832, no calor dos combates entre D. Pedro e D. Miguel, o intrépido Bernardo de Sá Nogueira, futuro marquês de Sá da Bandeira, foi gravemente ferido em um dos seus braços. Ele foi levado ao palacete dos Guedes da Silva, que já havia se transformado num hospital de sangue, onde o seu braço foi amputado e enterrado no jardim do palácio, sob as raízes de uma árvore (Cunha, 2011; Direção-Geral do Património Cultural, 2016).

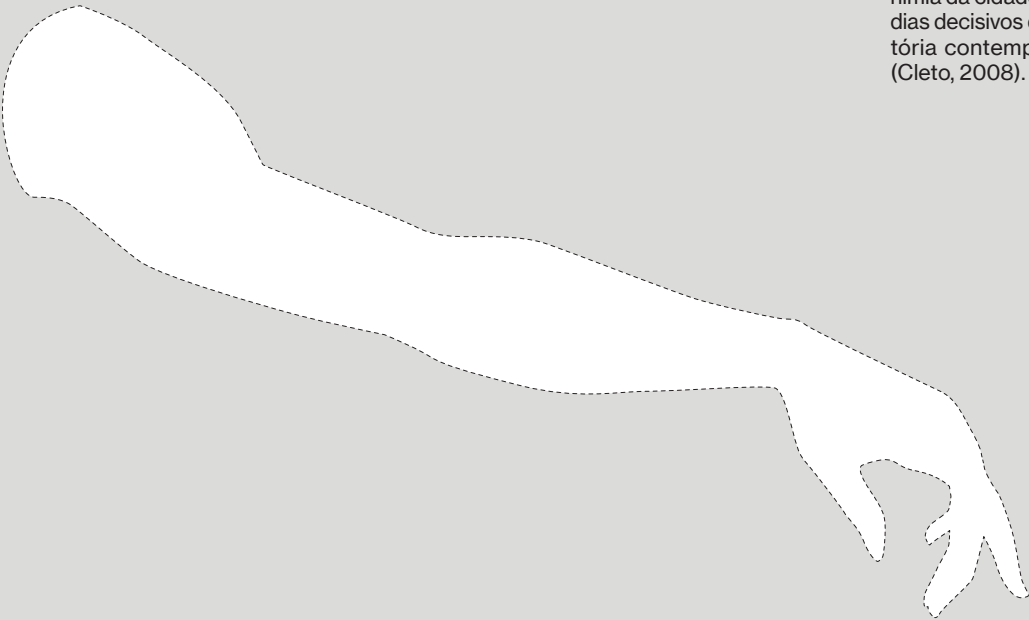
O BRAÇO DE SÁ DA BANDEIRA

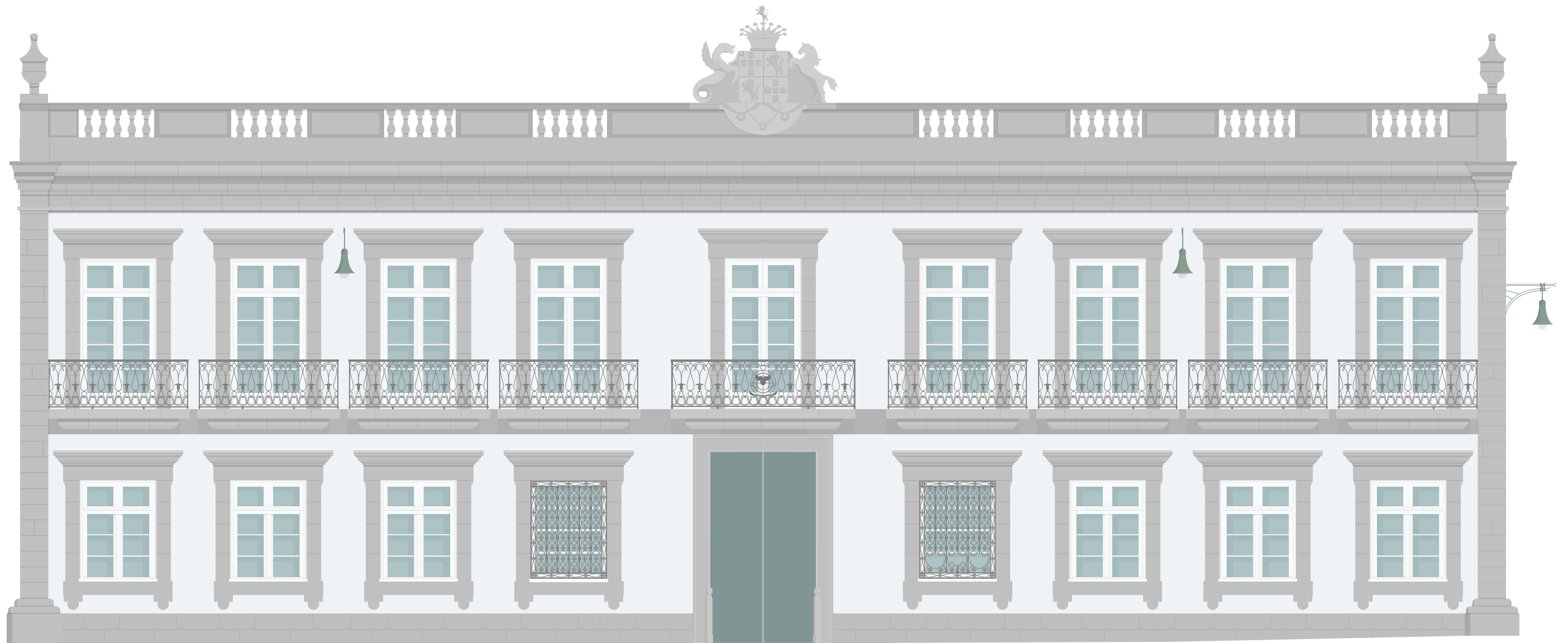
2. Em 18 de agosto de 1833, o cerco militar das tropas absolutistas de D. Miguel ao Porto chegava ao fim, marcando um período sombrio na história da cidade. Após cerca de treze meses de combates, destruição, fome e doenças, o Porto resistiu heroicamente e rompeu o cerco, assegurando a vitória para D. Pedro e a causa liberal.

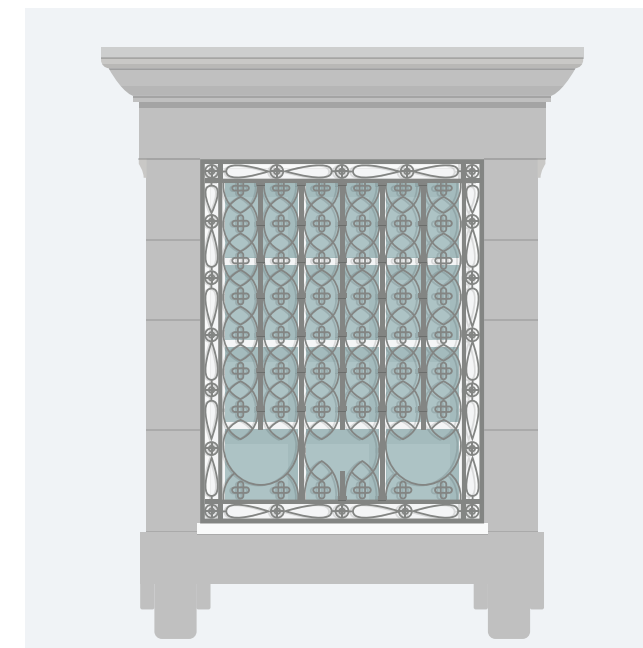
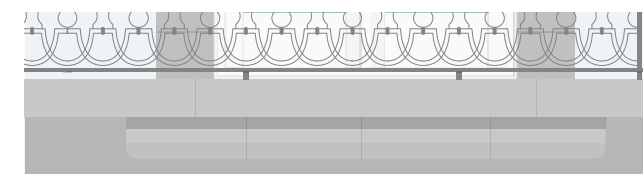
Esse período entre julho de 1832 e agosto de 1833 foi crucial para a história de Portugal, marcando a transição do absolutismo para um regime liberal. A cidade do Porto, cercada e bombardeada, tornou-se no centro da resistência liberal liderada por D. Pedro IV, enquanto fora das barricadas estava o exército do seu irmão D. Miguel. Essa luta representou mais do que um conflito fraternal; era a batalha de ideias entre o conservadorismo absolutista dos “miguelistas” e os ideais liberais dos “pedristas”.

O heroísmo e a firmeza demonstrados pelo Porto durante esse cerco são perpetuados até hoje pela toponímia da cidade, lembrando esses dias decisivos que moldaram a trajetória contemporânea de Portugal (Cleto, 2008).

A bravura de Bernardo de Sá Nogueira foi compensada posteriormente com diversos títulos honoríficos: em 4 de Abril de 1833, D. Pedro IV concedeu-lhe o brasão de Sá da Bandeira (evocando o local onde se bateu com bravura em Santo Ovídio – o alto da Bandeira), em 1 de Dezembro de 1834, foi-lhe outorgado o de Visconde de Sá da Bandeira, e, em 13 de Fevereiro de 1864, o de Marquês (NCultura, 2019). Desde 2015, o Palácio da Batalha abriga o hotel de quatro estrelas NH Collection Porto Batalha, do grupo NH Hotels (NH Collection Hotels, n.d.).







II. PALACETE DOS VISCONDES DE BALSEMÃO

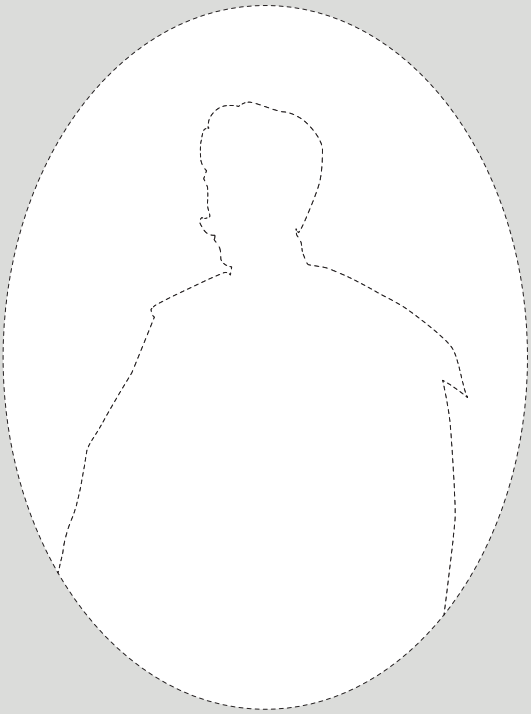
Praça de Carlos Alberto, 69

DESCRIÇÃO DO BRASÃO

Escudo: Francês ou Quadrado
Formato: Pleno ou simples
Leitura: I - Sousa (do Prado)

O PALACETE

O Palacete dos Viscondes de Balsemão, localizado na Praça de Carlos Alberto, é um edifício de grande importância histórica. José Alvo Brandão Coutinho Perestrelo Pereira da Azevedo mandou construir o palacete, que posteriormente passou para a família Balsemão por meio do casamento de D. Maria Rosa com Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho (Silva & Rêgo, 2012; Universidade do Porto, 2012).

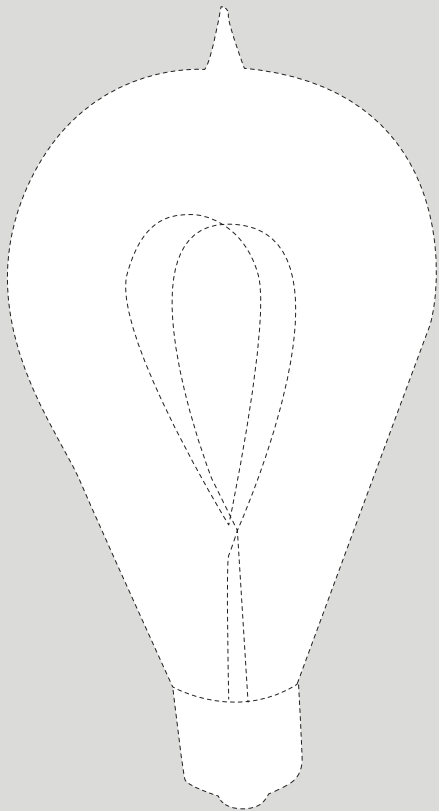


Durante os anos 40 do século XIX, o palacete abrigou uma estalagem, administrada por António Bernardino Pexe (ou Peixe). Nessa época, o Rei Carlos Alberto de Sardenha¹ também hospedou-se brevemente no local.

José António Sousa Basto adquiriu o palacete nos anos 50 do século XIX, tornando-se o Visconde da Trindade. Sob a sua posse, o edifício passou por reformas luxuosas, refletindo a riqueza do proprietário. Após a morte da sua viúva em 1895, o imóvel passou para a posse da sua filha, D. Josefina Henriqueta Sousa Basto (Silva & Rêgo, 2012; Universidade do Porto, 2012).

Ao longo dos anos, o Palacete desempenhou diferentes funções. De 1907 até a Primeira Grande Guerra, o edifício abrigou a Companhia de Gás e, posteriormente, a de Eletricidade. Em 1959, foi adquirido pela Câmara do Porto e, após a saída definitiva da EDP (Eletricidade de Portugal) em 1988, o município instalou neste edifício a Direção Municipal de Cultura (Silva & Rêgo, 2012; Universidade do Porto, 2012).

Além do palacete, nos jardins foi construído o Teatro de Carlos Alberto em 1897. Na frente do edifício, desde 2008, encontra-se uma escultura do General Humberto Delgado, obra de José Rodrigues² (Silva & Rêgo, 2012).



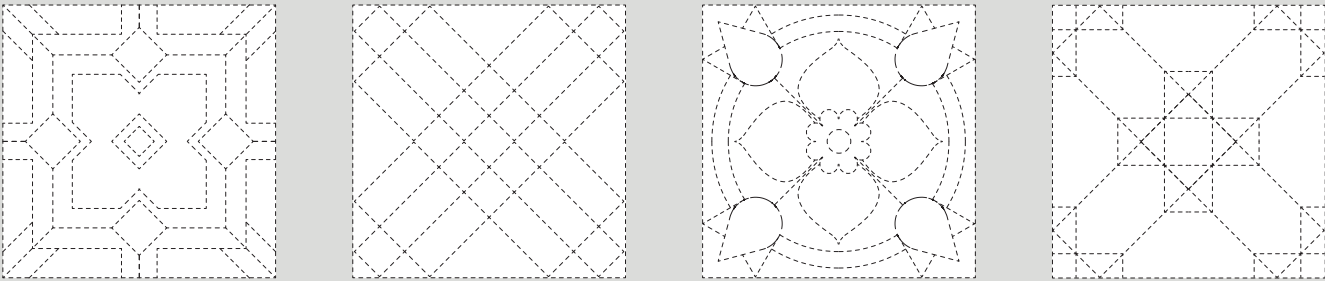
O Palacete dos Viscondes de Balsemão mantém características arquitetónicas distintas, como tetos decorados com estuques, pinturas e caixões, além de portas de correr com vidro colorido (Universidade do Porto, 2012). No interior, há escadas de cantaria e salas intercomunicantes (Direção-Geral do Património Cultural, n.d.).

AS SUAS FUNÇÕES

1. Carlos Alberto de Savoia-Carignano, nascido a 2 de outubro de 1798 em Paris, foi rei da Sardenha de 1831 a 1849. Exilou-se no Porto em 1849 após ser derrotado pelo exército austríaco em Novara, encerrando a sua esperança de reunificar a Itália. Faleceu em 29 de julho de 1849 na Casa da Quinta da Macieirinha, atual Museu Romântico. O seu corpo foi inicialmente depositado na Capela de São Vicente na Sé do Porto e mais tarde levado para Turim. Em 1854, a princesa Frederica Augusta de Montheart, sua meia-irmã, visitou o Porto e construiu uma capela em sua memória nos jardins do Palácio de Cristal. Projetada pelo arquiteto Joaquim da Costa Lima, a capela foi concluída em 1861. De 1854 a 1950, pertenceu à Casa de Bragança e, em 1951, foi doada à Câmara Municipal do Porto (Universidade do Porto, n.d.).

O BANCO DE MATERIAIS

Atualmente, o Palacete dos Viscondes de Balsemão abriga o Banco de Materiais do Museu do Porto, um projeto municipal pioneiro que visa preservar os materiais característicos da cidade. O projeto recolhe materiais de edifícios degradados, a serem devolvidos à cidade posteriormente. O Banco de Materiais está aberto ao público desde 2010 e exhibe elementos decorativos e construtivos, como azulejos hispano-árabes e uma variedade de padrões dos séculos XVII a XX. Também possui um conjunto significativo de peças em estuque provenientes da Oficina de Avelino Ramos Meira, uma das mais prestigiadas do Porto.

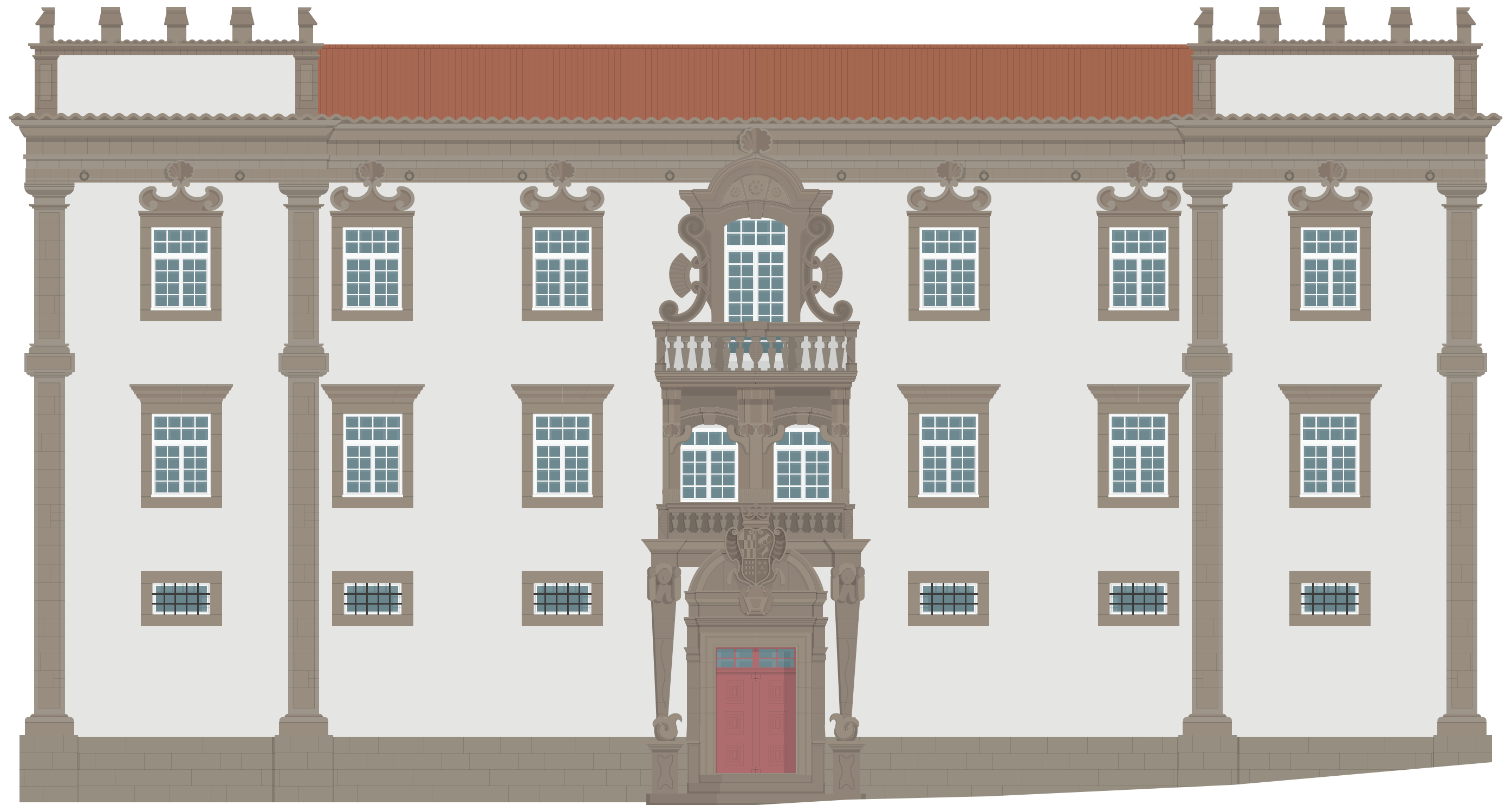


Além disso, o Banco de Materiais possui placas toponímicas recolhidas nas ruas, e alguns artefatos de madeira, de ferro e de cantaria. O Palacete também abriga o Triplex, que consiste em três salas de exposição no piso térreo, onde são apresentados projetos expositivos em parceria ou coprodução (Museu do Porto, 2020).

2. José Rodrigues fundou a Cooperativa de Ensino Artístico Árvore no Porto e teve envolvimento cultural em Vila Nova de Cerveira. Suas esculturas e arte pública, com temas religiosos e históricos, estão espalhadas pelo país e pelo mundo. Além da escultura, envolveu-se em ilustração, cerâmica, medalhística e cenografia teatral.

José Rodrigues faleceu em setembro de 2016, deixando um legado significativo nas artes plásticas portuguesas. A Fundação José Rodrigues, estabelecida no Porto, preserva e expõe o seu trabalho. Suas criações, às vezes controversas, são agora amplamente reconhecidas e respeitadas, tendo como exemplo o Cubo da Praça da Ribeira, de 1983.

É considerado um dos principais artistas plásticos de Portugal, com obras em coleções privadas e instituições nacionais e internacionais (Universidade Digital, 2019).





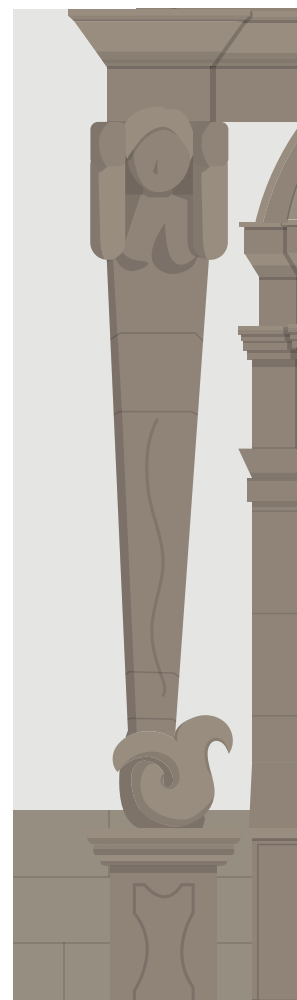
III. PALÁCIO DAS SEREIAS

Rua da Bandeirinha, 27

DESCRIÇÃO DO BRASÃO

Escudo: de fantasia

Leitura: I – Portocarre(i)ro, II - Osório, III - Cunha e IV - Coutinho



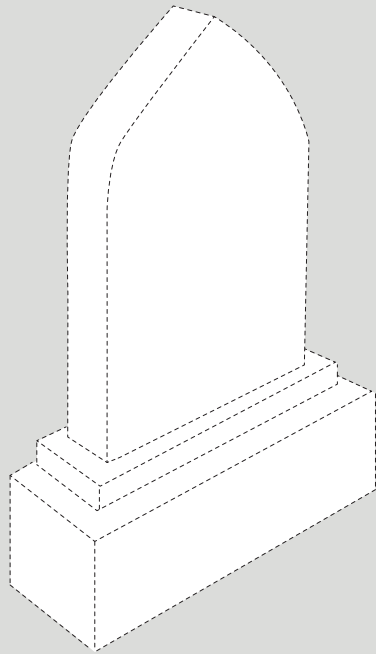
No século XVI, o fidalgo D. Pedro da Cunha, senhor da Maia, decidiu construir uma casa no local onde antes existia um antigo cemitério judaico, na Rua da Bandeirinha, antigo Monte dos Judeus. No século XVIII, ainda residiam elementos da família Cunha e Vilhena, entretanto a casa passou a ser habitada pela família Portocarrero, devido às conexões entre as famílias Cunha, Vilhena e Portocarrero. Durante esse período, a casa passou por algumas reformas e adquiriu uma grandiosidade que a tornou conhecida como Palácio ou Casa das Sereias, destacando-se pela sua imponência na paisagem da cidade (Cunha, 2021).

O PALÁCIO

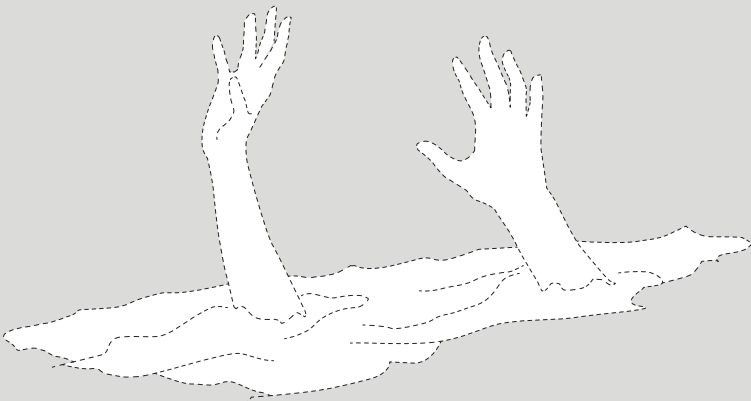
A população local também se refere à casa como “as mamudas”, devido às duas sereias exóticas que adornam o portal. Além disso, a casa é conhecida como Casa da Bandeirinha, devido à presença da “Bandeirinha da Saúde” na rua, uma pirâmide de granito que era acionada para permitir o desembarque das naus no Porto, após a inspeção médica da tripulação para garantir que não havia pessoas com doenças infecciosas a bordo. A “Bandeirinha da Saúde” também servia como ponto de atracação no caso de doenças ou pestes, exigindo um período de quarentena (Cunha, 2021).

Um episódio trágico associado à casa é a morte de João da Cunha Osório Portocarrero, morgado de Melres, que morreu afogado num acidente de barco no Rio Douro. Como ele não tinha filhos, o seu irmão herdou o palácio. Sobre este episódio, Germano Silva narra no jornal Opinião, no ano de 2005, com suas palavras a histórica e os contos deste episódio: “Dizia-se que alguns criados da casa contavam a quem os quisesse ouvir, que o novo fidalgo quando assomava à varanda principal do seu palácio, ao contemplar as águas calmas do rio Douro murmurava, de si para si: “ai rio, rio, que mataste a sede a meu irmão; e a mim a fome e o frio...” Essas histórias trágicas, incluindo o assassinato de João da Cunha Araújo Portocarrero em 1809 no próprio pátio da casa, por suspeitas de ser conivente com os franceses durante as Invasões Francesas¹, levaram ao abandono do palácio pela família Portocarrero. Palavras do “povo” associam o infortúnio dos residentes ao facto da casa ter sido implementada num local que serviu de cemitério. (Cunha, 2021).

AS MORTES

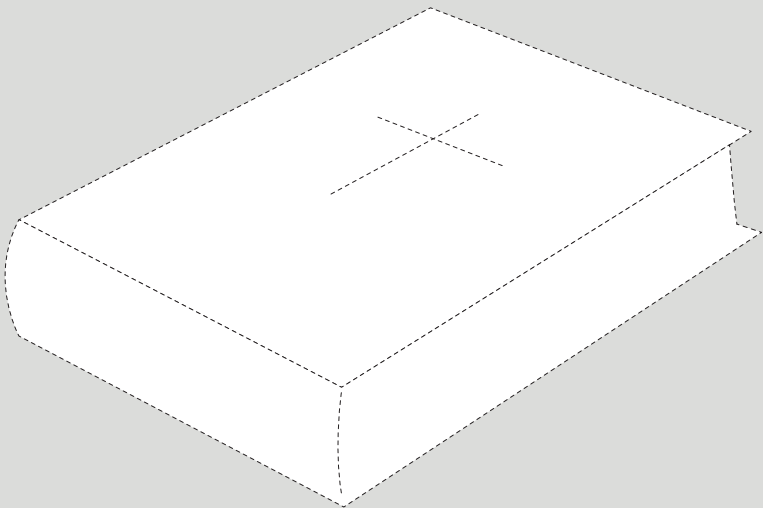


A família Portocarrero, uma das mais antigas de Portugal, tem as suas origens na Galiza, possivelmente nas Astúrias, através do fidalgo Raimundo Garcia, que acompanhou o séquito do Conde D. Henrique no início do século XII. Em reconhecimento ao seu apoio, D. Henrique concedeu-lhe o couto de Portocarrero, localizado no Marco de Canaveses. Dessa extensa propriedade, D. Raimundo adotou o nome de Portocarrero ou Portocarreiro (Cunha, 2021).



1. As invasões ocorreram durante um período de turbulência política em Portugal, com a rainha D. Maria I doente e o príncipe D. João como regente. Napoleão Bonaparte, buscando expandir a sua influência, impôs o Bloqueio Continental e exigiu a cooperação de Portugal. As tropas francesas, lideradas por Junot, invadiram Portugal em 1807, mas a família real fugiu para o Brasil com auxílio britânico. Os franceses ocuparam várias regiões, incluindo o Porto, onde encontraram resistência. Em 1808, os britânicos chegaram para auxiliar Portugal, vencendo os franceses em batalhas como Roliça e Vimeiro.

Após uma retirada temporária dos franceses, Napoleão ordenou uma nova invasão, liderada por Soult. No Porto, houve uma tentativa de defesa, mas Soult conquistou a cidade em 1809, resultando na tragédia da Ponte das Barcas, com muitas vítimas afogadas na tentativa de atravessar a ponte. Apesar das invasões, os franceses não conseguiram manter o controle, enfrentando revoltas e resistência. A cidade do Porto foi posteriormente libertada pelas forças anglo-lusas. As invasões francesas deixaram marcas profundas na história e memória do Porto, especialmente a tragédia da Ponte das Barcas, lembrada até hoje (de Sousa, 2017).



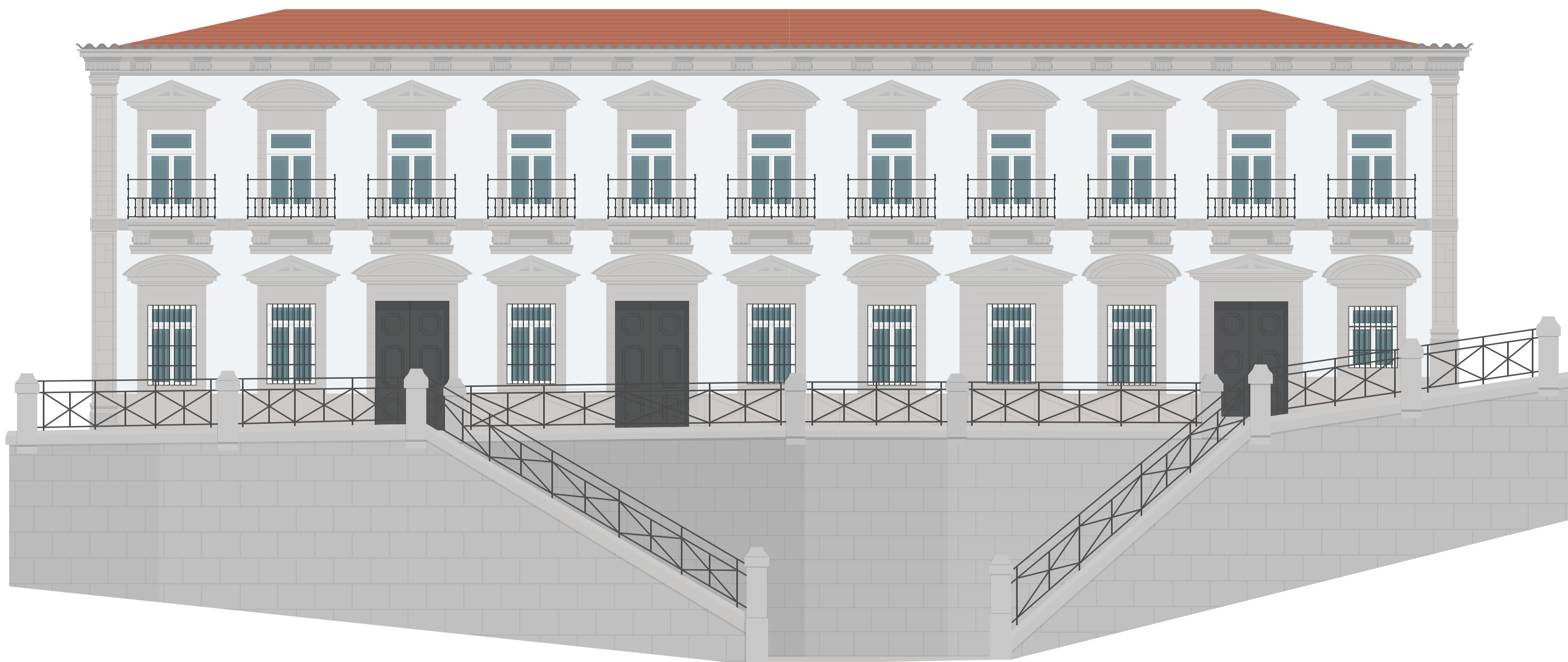
2. O Rococó, um movimento artístico originado na França no século XVIII, é uma vertente do Barroco, mas com perspectivas diferentes. O termo rococó deriva do francês *rocaille*, que significa concha. Esta arte foca na decoração, abrangendo arquitetura e ornamentação de objetos. Enquanto o Barroco estava ligado a construções religiosas, o Rococó gradualmente entrou na sociedade europeia através da pintura e decoração de interiores. No Rococó, as características incluem texturas e curvas suaves, cores claras como dourados e tons pastéis, e imagens que retratam festas nobres e a busca pela felicidade. Ao contrário do Barroco, remete à leveza e à elegância. Na pintura, a diferença é marcante: o Barroco evoca emoções fortes e temas religiosos, enquanto o Rococó adota cores suaves e imagens mais leves. Na arquitetura, o Rococó se assemelha ao mundo real, apresentando paisagens e natureza nos tetos. Foi visto como fútil por não seguir a religiosidade do Barroco (Equipe Editorial, 2022).



A CASA MADALENA CANOSSA

O palácio permaneceu abandonado até 1955, quando foi adquirido pelo Instituto das Filhas da Caridade, uma ordem religiosa feminina. Elas estabeleceram o colégio “Casa Madalena Canossa” no local, dedicado ao ensino e apoio aos desfavorecidos, incluindo creche e ATL. Atualmente, a Casa Madalena de Canossa abriga nove missionárias das Filhas da Caridade Canossianas, incluindo uma italiana, duas timorenses e seis portuguesas. O colégio continua a acolher crianças de todas as origens, especialmente aquelas que mais precisam de apoio (Viana & Calisto, 2017).

O imponente palácio implanta-se adossado à encosta numa plataforma elevada sobre Miragaia e a Alfândega Nova do Porto, contando com vistas panorâmicas para a paisagem do rio Douro, e possui uma mistura de estilos *barroco* e *rococó*², com torreões ameados na fachada principal e um pátio decorado nos fundos (Direção-Geral do Património Cultural, n.d.).



IV. PALÁCIO DOS CONDES DE AZEVEDO

Rua de Saraiva de Carvalho, 93

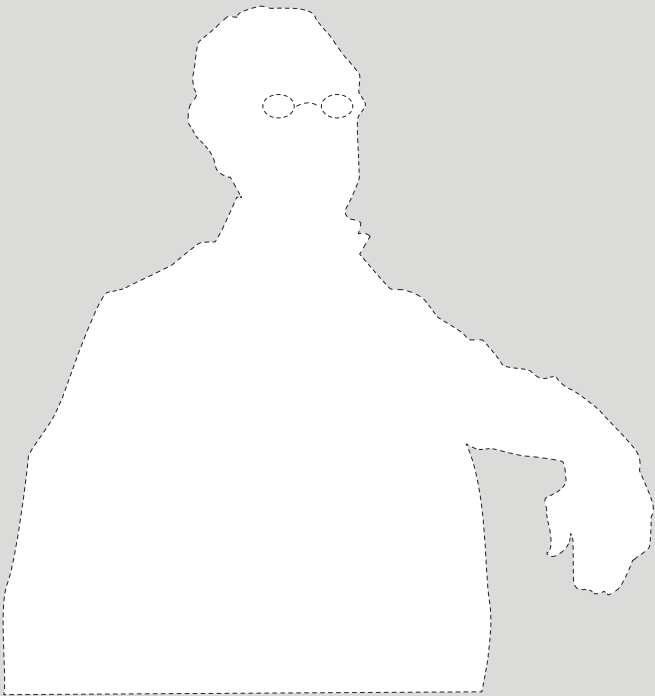


O PALÁCIO

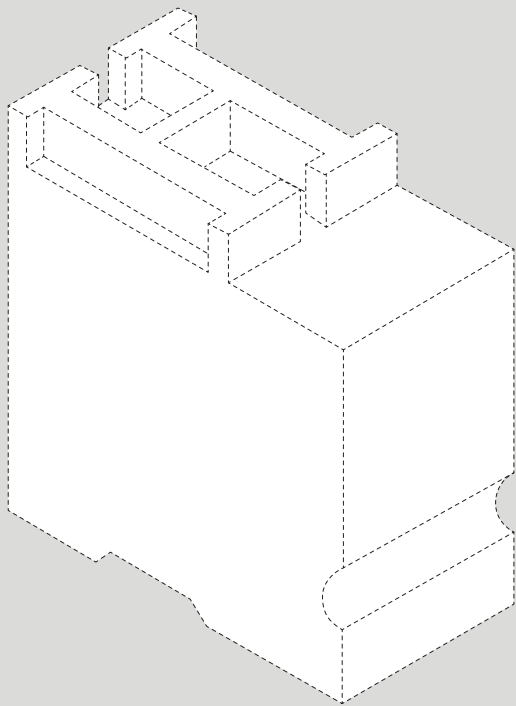
A Casa nobre *neoclássica*¹, localizada no centro do Porto, é um marco histórico que remonta aos séculos XVIII e XIX. Com uma planta retangular e irregular, o edifício é composto por vários corpos distribuídos em dois pisos, cada um com coberturas diferenciadas em telhados de várias águas. A fachada principal é marcada por dois registos, sendo o primeiro rasgado por três portas e oito janelas, e o segundo por onze janelas com sacadas de granito. No interior do edifício, encontram-se várias salas, a maioria comunicantes, e escadarias de acesso ao segundo piso (Direção-Geral do Património Cultural, 2011).

Durante a sua história, a nobre casa abrigou diferentes serviços públicos, como a Repartição da Fazenda do Distrito do Porto, a Polícia e o Posto de Correios, sob a responsabilidade do Estado Português, de 1887 a 1993. Ao longo dos anos, o edifício passou por diversas transformações e intervenções, resultando na mistura de elementos neoclássicos e barrocos presentes na fachada, escadaria, lavabo com carranca na cozinha e chafariz. Esses elementos remontam à origem da construção do edifício no século XVII. Destaca-se também o conjunto de azulejos, que encontra-se bem conservado até os dias atuais. Outros elementos distintivos incluem o corrimão de cantaria de modelo neoclássico e os vidros coloridos do período romântico, adicionados pelo Conde de Azevedo, que residia no local por volta de 1850 e realizou uma intervenção profunda para melhorar o edifício (Condes de Azevedo Palace, n.d.).

1. A arquitetura neoclássica, que vigorou entre os séculos XVIII e XIX, resgatou os elementos da cultura greco-romana da Antiguidade. Este estilo, também presente na literatura, escultura e pintura, contrastava com o rebuscamento e complexidade do barroco e rococó. Originou-se durante a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, influenciado pelo Iluminismo, que reavivou o interesse pelas obras antigas. As escavações de Pompeia, uma cidade destruída pelo Vesúvio, no século I d.C., também contribuíram para esse renascimento. A arquitetura neoclássica é marcada pela sua uniformidade, simplicidade, autoridade, utilização de materiais nobres como mármore e granito, simetria e pelas colunas gregas (Agencia Papoca, 2020).



O palacete pertenceu a Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, primeiro Visconde de Azevedo e Conde de Azevedo (1809-1876), um homem sábio e rico, segundo Camilo Castelo Branco². O título de Visconde deveu-se em parte à sua bagagem cultural, que o tornava respeitado até pelos seus opositores, a outra parte por ser um abastado proprietário. O título de Conde chegaria poucas semanas antes de falecer. Além de suas atividades políticas, como a participação nas lutas liberais e o cargo de Governador do distrito de Braga em 1845, o Conde de Azevedo também se destacou como bibliófilo e tradutor. Ele mandou construir uma tipografia particular no palacete, onde republicou a “Gramática da Linguagem Portuguesa” de Fernão de Oliveira³, a primeira gramática portuguesa publicada originalmente em 1536, assim como também a tradução de importantes obras de Virgílio e Cervantes⁴. (Viva Porto, 2014; Condes de Azevedo Palace, n.d.).



O CONDE DE AZEVEDO

2. Camilo Castelo Branco, figura central do romantismo em Portugal, nasceu em 1825 e faleceu em 1890. Depois de uma passagem pelo curso de Medicina, iniciou a sua carreira literária em 1845 e publicou o primeiro romance, “Anátema”, em 1851. Em 1860, enfrentou um escândalo de adultério e foi preso juntamente com Ana Plácido, sua amante. Após a sua absolvição em 1861, publicou diversas novelas e romances entre 1862 e 1863, ganhando grande destaque. Reconhecido como o primeiro escritor profissional em Portugal, destacou-se pela sua habilidade em criar histórias a partir da observação da sociedade, com foco em intrigas e análises emocionais. Autor de obras importantes como Amor de Perdição (1862) A Queda dum Anjo (1866) e Eusébio Macário (1879), Camilo Castelo Branco, cego e incapaz de escrever, suicidou-se com um tiro em 1 de junho de 1890 (Porto Editora, n.d.).

3. A “Grammatica da Lingoagem Portuguesa” de Fernão de Oliveira, publicada em 27 de janeiro de 1536 em Lisboa, é a primeira gramática da língua portuguesa. Fernão de Oliveira, natural de Aveiro, era um escritor renascentista que se dedicou a sistematizar e regularizar a língua portuguesa, conferindo-lhe o prestígio das línguas clássicas. A gramática descreve a língua da época, o português clássico, focando-se na fonética, fonologia, ortografia e variações linguísticas. O texto combina argumentação, citações de autoridades e estratégias persuasivas. Além da análise linguística, a obra apresenta preocupações pedagógicas, abordando a arte de ler e falar corretamente. A contribuição de Fernão de Oliveira foi pioneira na descrição linguística moderna e inovadora no contexto renascentista (Barros, 2021).

4. Publius Vergilius Maro, conhecido como Virgílio, nasceu em 70 a.C., perto de Mântua. De família modesta, recebeu boa instrução e estudou em várias cidades. Compôs pequenos poemas e as Bucólicas (41-39 a.C.) após conhecer Mecenas e Horácio. Produziu as Geórgicas sob conselho de Mecenas, alinhando-se aos projetos de Augusto. Trabalhou na Eneida com apoio de Augusto, mas faleceu em 19 a.C. antes de terminar. Virgílio é reconhecido como o poeta mais perfeito da literatura romana, destacando-se por sua doçura e melancolia (Porto Editora, n.d.-c).

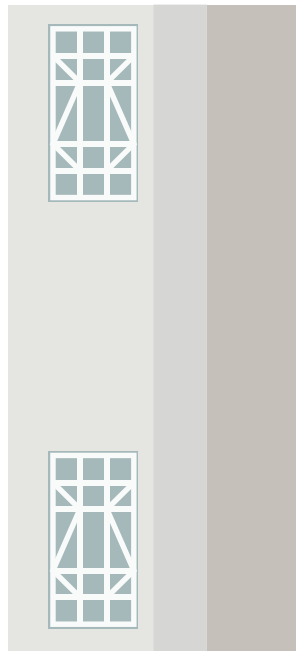
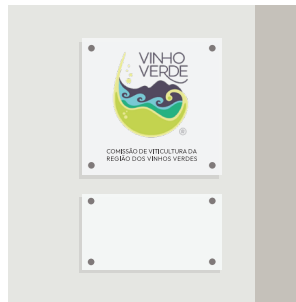
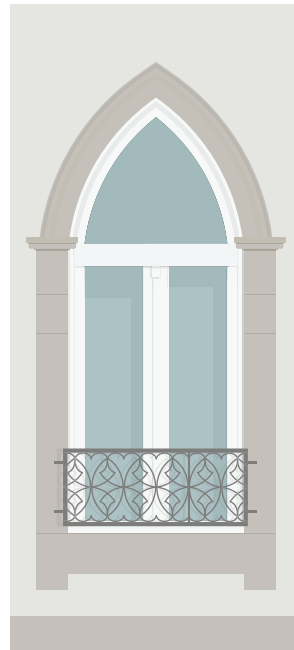
Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), escritor e dramaturgo espanhol, é autor de Dom Quixote, obra-prima universal e precursora do Realismo na Espanha. Nasceu em Alcalá de Henares, por volta de 29 de setembro de 1547, e estudou em várias cidades, sendo influenciado pelo teatro de Lope de la Rueda (Frazão, 2023).



ALOJAMENTO TURÍSTICO

A reabilitação do edifício, cuja data de origem não pode ser precisamente determinada pelos arquitetos, representou um investimento global de 3,8 milhões de euros e foi concluída em fevereiro de 2015. O edifício foi transformado num luxuoso empreendimento com 19 apartamentos turísticos de cinco estrelas intitulado *Condes de Azevedo Palace*, além de uma cafetaria exclusiva para os seus visitantes (Viva Porto, 2014).





V. PALACETE SILVA MONTEIRO

Rua da Restauração, 318

O PALACETE

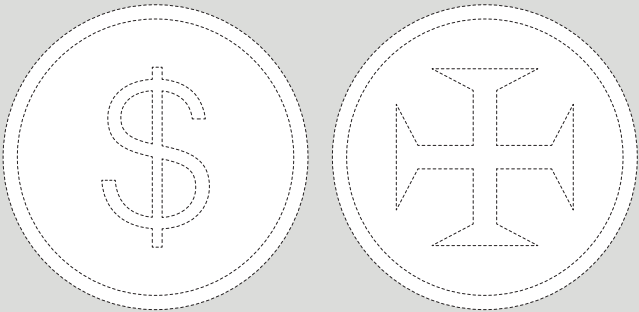
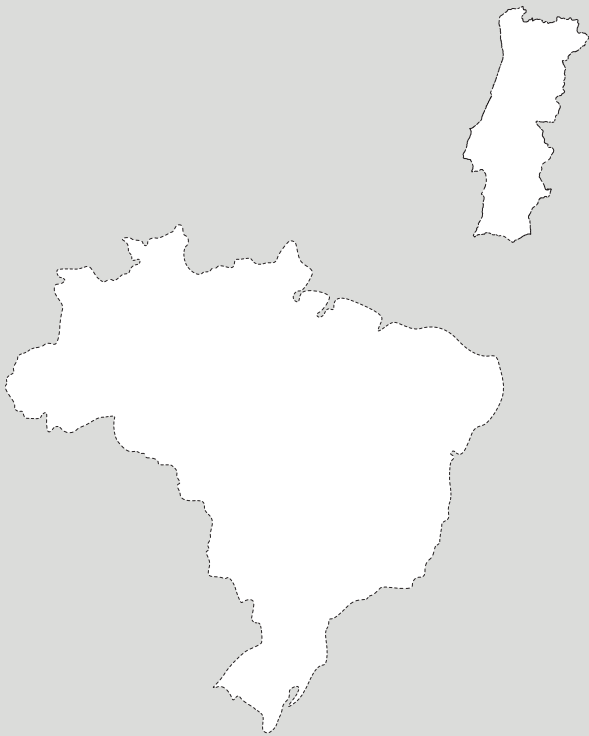
A Rua da Restauração, no Porto, é um local privilegiado que alberga residências de uma elite burguesa e aristocrática desde tempos remotos. Estas mansões, com as suas belas vistas para o Rio Douro e amplos terrenos transformados em jardins, refletem o cenário típico do *romantismo*¹. Entre estas residências, destaca-se o Palacete Silva Monteiro, que atualmente abriga a sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes. Inicialmente edificado pela família Ferreira de Moura no século XIX, o palacete passou por uma profunda transformação em 1871, quando foi adquirido por Silva Monteiro, um rico "brasileiro-torna-viagem" (Cleto, 2016).

1. O século XIX foi marcado por mudanças sociais, políticas e culturais decorrentes da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. O Neoclassicismo do século XVIII foi confrontado pelo movimento artístico do Romantismo (1820-1850), caracterizado pela libertação das convenções académicas e ênfase na expressão pessoal. O termo "romântico" surgiu para descrever novelas pastoris e de cavalaria, depois usado para o movimento Romantismo, alinhado com as ideias políticas do século das luzes e o movimento alemão *Sturm und Drang*. Características do Romantismo incluem cultivo da emoção, exaltação da natureza, defesa de ideais nacionalistas, panteísmo e subjetivismo. Na Alemanha, desenvolveu-se a estética da interioridade, enfatizando a arte como expressão do sentimento sublime. Surgiu a pintura moderna de paisagem, explorando a sensibilidade oitocentista. O século XIX viu a busca das raízes da arte nas antigas realidades nacionais, redescobrimdo o românico e o gótico. O romantismo rejeitou as regras neoclássicas, preferindo estruturas irregulares, formas curvas, efeitos de luz e decoração pitoresca. Com influências medievais e exóticas, o período exibiu revivalismo, ecletismo, historicismo e exotismo (Imbrosi & Martins, 2023).



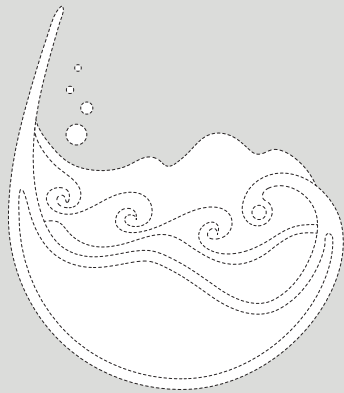
António Silva Monteiro, nascido em 1822 no Lordelo do Ouro, emigrou para o Brasil em busca de fortuna após a perda da riqueza da sua família devido ao apoio aos ideais liberais. No Brasil, estabeleceu um império comercial e envolveu-se em projetos importantes, como a criação da Companhia de Ferro do Porto à Póvoa e Famalicão e a construção do Porto de Leixões. Ao regressar a Portugal, Silva Monteiro manteve a sua empresa no Rio de Janeiro e continuou a envolver-se nos negócios, ocupando cargos importantes, como vice-presidente da Câmara Municipal do Porto e presidente da Associação Comercial do Porto (Cleto, 2016; Marinho, 2021).

O Palacete Silva Monteiro é um exemplo da opulência e riqueza das habitações da época, que serviam como forma de afirmação social. Os burgueses e homens de negócio procuravam demonstrar o seu poder económico através das suas casas, muitas vezes adotando o estilo *neogótico*, que remetia para a estética medieval nobiliária. Esta tendência era especialmente evidente nos "brasileiros-torna-viagem", que enriqueceram no Brasil e desejavam mostrar a sua riqueza através de suntuosas residências ao regressarem (Cleto, 2016).



A CVRVV

O palacete está a passar, desde 2019, por um processo de restauro e recuperação, com previsão de conclusão das obras na parte principal da casa até 2023. A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes planeia transformá-lo num espaço cultural, aberto à população da cidade, com exposições de arte e fotografia, conferências, concertos e um teatro. Além disso, está prevista a concessão de um bar no jardim do palacete, onde serão servidos vinhos verdes e petiscos (Jornal de Notícias, 2021).



Também conhecido como Casa do Vinho Verde, o palacete já foi considerado a habitação mais luxuosa da cidade do Porto, mantendo o carisma do século XIX. A casa reflete o gosto da época, com elementos *românticos*, *neogóticos* e *neomanuelinos*². Além disso, apresenta marcas modernas, refletindo o envolvimento de Silva Monteiro nos projetos de modernização da cidade e da região (Cleto, 2016; Jornal de Notícias, 2021).

2. O renascimento gótico, também conhecido como gótico vitoriano ou neogótico, é um movimento arquitetónico originado na Inglaterra no final do século XVIII. Ganhou popularidade no século XIX, buscando reviver a arquitetura gótica medieval em oposição ao neoclassicismo predominante. Inspirou-se no estilo gótico original, incorporando padrões decorativos, janelas de lanceta e outros elementos. Surgiu de raízes filosóficas e religiosas, associado ao catolicismo e à Igreja Anglo-Católica. Espalhou-se rapidamente pela Europa, continente americano e outros lugares. O renascimento gótico tinha também conotações políticas e literárias, influenciando a criação do romance gótico e a poesia inspirada na Idade Média (Hisour, 2018).

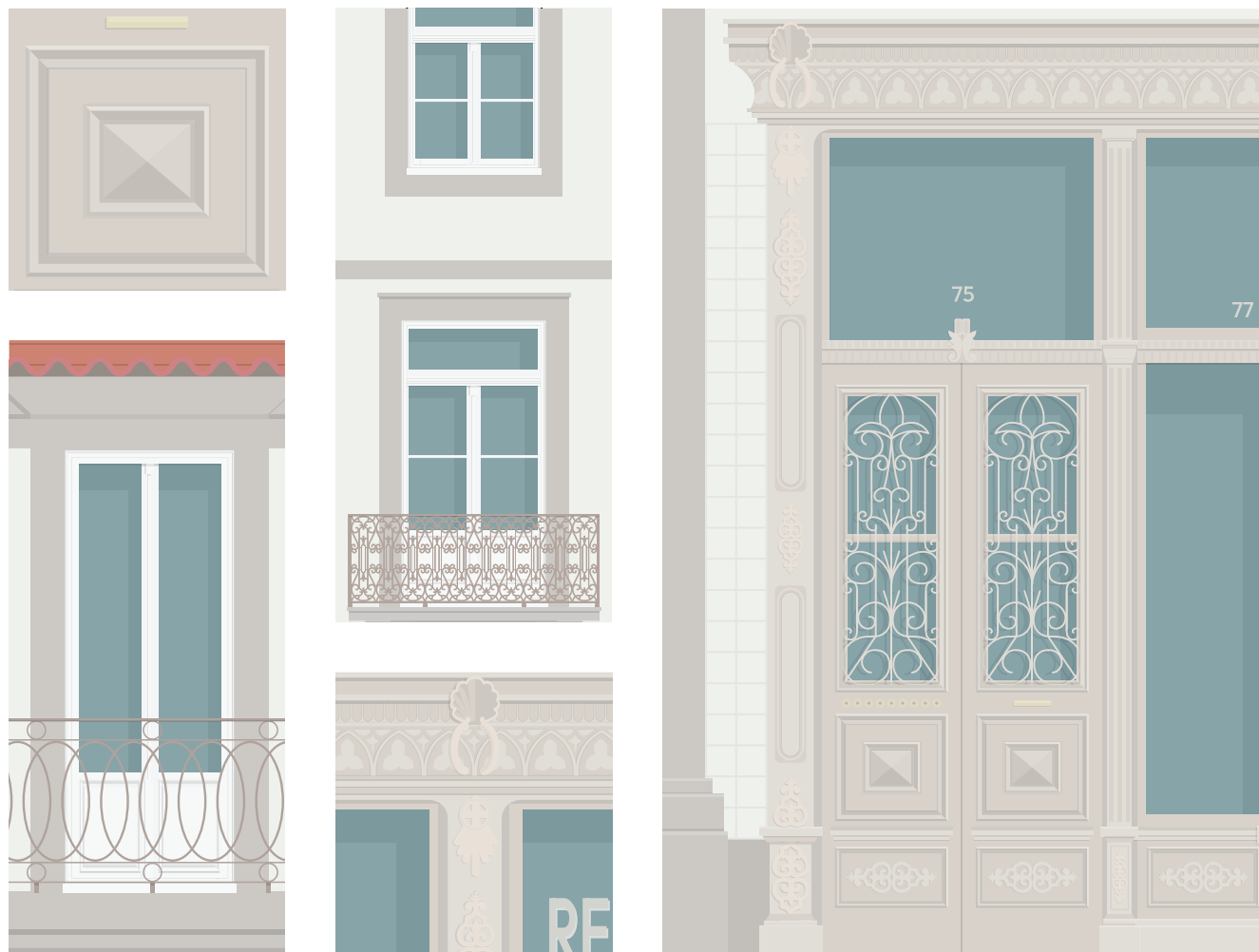
O neomanuelino foi um estilo arquitetónico desenvolvido em Portugal do século XIX ao início do século XX, revivendo o estilo manuelino do século XVI. Este estilo romântico e revivalista incorporava superficialmente a decoração do manuelino em edifícios adaptados às necessidades da época. Utilizou avanços industriais como materiais e estruturas metálicas, mantendo a funcionalidade e rentabilidade da arquitetura neoclássica, adaptada a novas estéticas. Inspirado por monumentos como a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos, o neomanuelino focou-se em elementos decorativos como arcos, cordas, elementos vegetais e esculturas, centrados em portas e janelas. O Palácio da Pena em Sintra, construído entre 1839 e 1849, é um exemplo inicial deste estilo, integrando elementos de um antigo convento manuelino em ruínas (Hisour, n.d.).





VI. RC RESTAURANTE/EDIFÍCIO FORRESTER

Rua do Infante D. Henrique, 77, 79

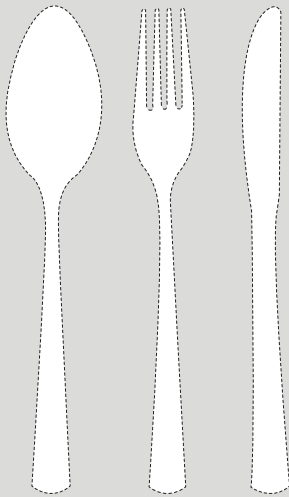


O RESTAURANTE

O RC, antigo Restaurante Commercial, é um restaurante histórico de uma cidade e de uma era, preservando a decoração e arquitetura do salão à data da sua fundação, em 1894, tendo sido classificado como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. Fundado pelo chefe de origem espanhola, Manuel Recarey Antelo, o Restaurante Commercial foi considerado no passado um dos mais emblemáticos restaurantes da cidade e local de encontro e convívio de figuras proeminentes da vida social, política e cultural (RC Restaurante, n.d.).

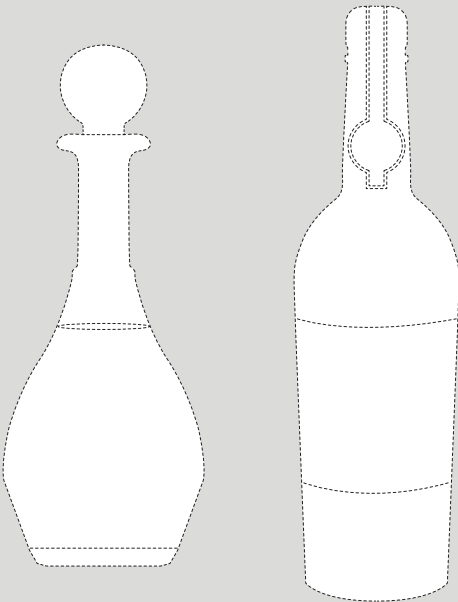
A história do RC tem o seu início na Ribeira do Porto, coração da cidade, onde nas suas ruas abundavam comerciantes ligados ao comércio do vinho do Porto. Foi precisamente no edifício Forrester, residência do famoso Barão Forrester, grande responsável pela dinamização do comércio do vinho do Porto por todo o mundo, que surgiu um contrastante, sofisticado restaurante, para os amantes de vinho e comida portuguesa (RC Restaurante, n.d.).

O Edifício Forrester sofreu algumas intervenções ao longo dos anos. A sua reabilitação representa um desafio relevante, no centro histórico da cidade do Porto: a recuperação de um edifício do século XIX, num local emblemático como a Praça do Infante, em frente ao Mercado Ferreira Borges (Correia/Ragazzi Arquitectos, 2012).

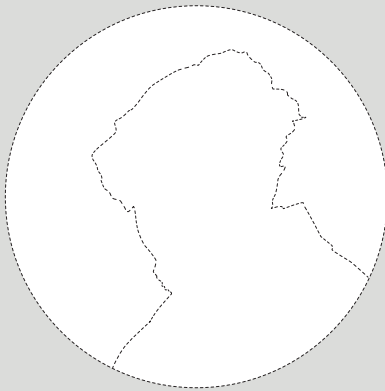


O EDIFÍCIO

O BARÃO DE FORRESTER E O RIO DOURO



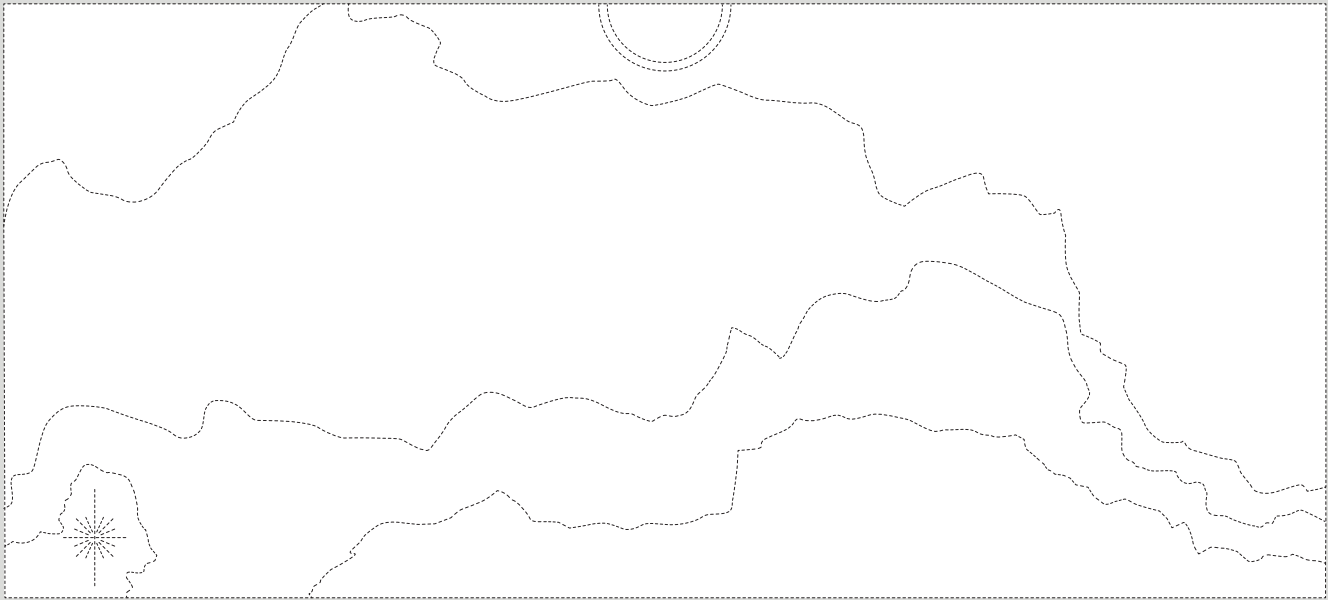
Joseph James Forrester, aos 22 anos, deixou a cidade de Hull, no Reino Unido, para iniciar uma vida como negociante de vinhos do Porto, em Portugal. Integrou-se numa firma inglesa que dominava a exportação para o Reino Unido. Foi o homem da sua época que mais conhecia o rio Douro e o seu vinho, produziu dois mapas excecionais da região, que tiveram um impacto duradouro. O primeiro mapa, intitulado “The Wine District of the Alto Douro”, foi impresso por volta de 1845 e era um mapa topográfico detalhado que exigiu um trabalho considerável. Forrester contou com a ajuda de vários amigos interessados no seu trabalho, como Hugh Owen, Diogo Köpke e Augusto Roquemont. O segundo mapa, intitulado “The Portuguese Douro and the Adjacent Country”, foi publicado em 1848 e abrange o curso do rio desde a fronteira espanhola até à foz do rio em São João da Foz (Shepherd, 2020).



Forrester também desempenhou um papel muito importante na superação do surto de oídio que assolou as plantações na região do Douro na década de 1850. Além disso, publicou um panfleto que criticava muitas das consideradas más práticas do comércio do vinho do Porto e teve inúmeros conflitos com outros exportadores, ao mesmo tempo que recebia mensagens de apreço de produtores de toda a região local (Shepherd, 2020).

A contribuição de Forrester para o mapeamento do Douro foi reconhecida internacionalmente, e os seus mapas foram votados e recomendados por várias instituições. Ele foi nomeado barão de Forrester em 1855 e o seu trabalho foi fundamental para o conhecimento da topografia da região (Shepherd, 2020).

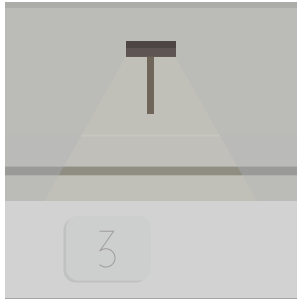
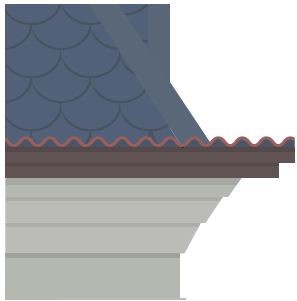
1. O Cachão da Valeira era uma queda d'água no rio Douro, a montante do rio Tua. A navegação era dificultada por essa cascata, e em 1530 iniciaram-se tentativas de desobstrução. No século XVIII, durante os reinados de D. Pedro II e D. João V, foram feitos estudos para tornar o rio navegável. Em 1779, a Companhia Geral da Agricultura e Vinhas do Alto Douro obteve autorização para cobrar impostos sobre produtos transportados no rio, visando financiar a obra. O padre António Manuel Camelo e o engenheiro José Maria Yola demoliram rochas e alargaram o leito do rio a partir de 1780. Os primeiros barcos navegaram a região em 1789, e em 1792 a obra foi concluída. A construção da Barragem da Valeira em 1976 incluiu uma eclusa para a passagem de embarcações. Uma inscrição do século XVIII no Cachão da Valeira, perto da barragem, celebra o feito que impulsionou o desenvolvimento regional (Portal Turístico do Douro, n.d.).



Em 12 de maio de 1861, o britânico desapareceu nas águas do rio Douro num trágico acidente, próximo à Quinta do Vesúvio e à Régua, num local considerado perigoso conhecido como Cachão da Valeira. Forrester havia sido agraciado com o título de barão pelo rei Fernando II, e a sua morte trágica ficou envolta em diversas lendas e histórias no local¹ (Cleto, 2020).

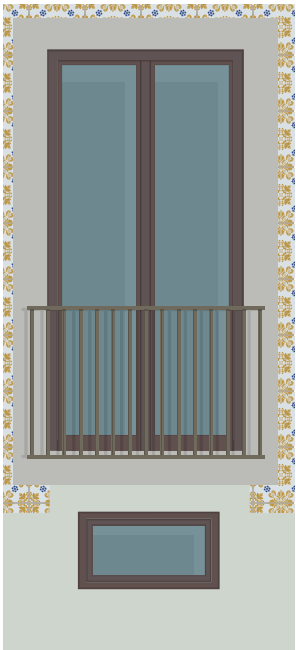
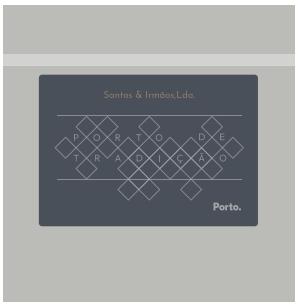
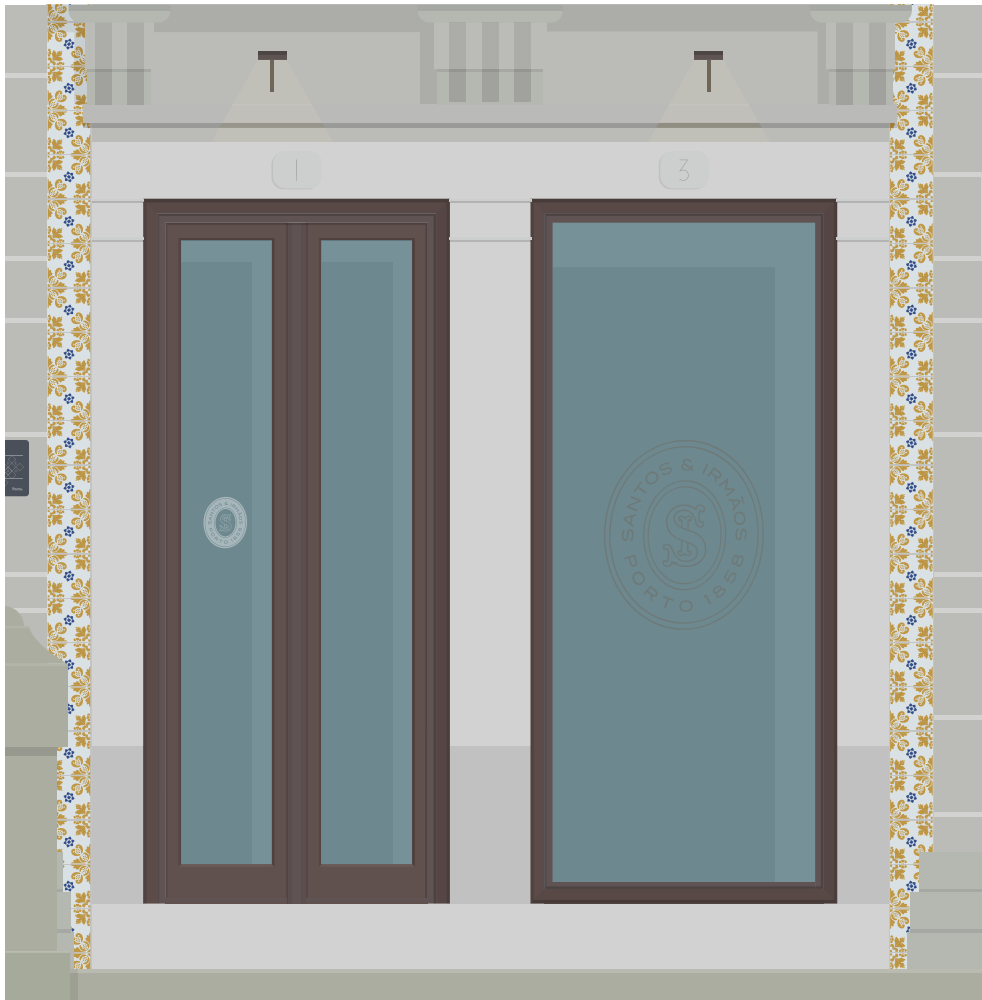






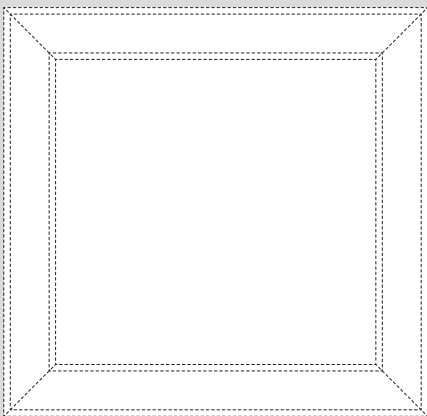
VII. SANTOS & IRMÃOS MOLDURAS

Travessa de Liceiras, 1

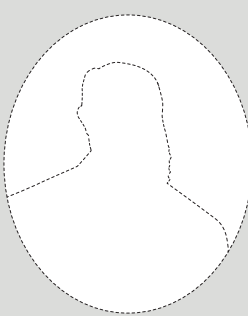
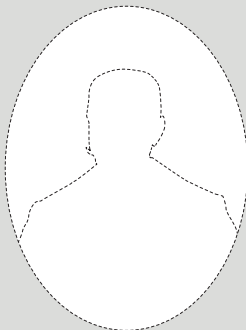


ALOJA

Aloja e oficina Santos & Irmãos desempenhou um papel determinante e agregador no meio artístico da cidade do Porto e em todo o norte de Portugal ao longo de mais de um século e meio de existência. Reconhecidos artistas, como Marques de Oliveira, António Carneiro, Henrique Medina, Fernando Lanhas e Noronha da Costa, frequentavam a loja e encomendavam modelos de molduras concebidos por eles para os seus trabalhos (Santos & Irmãos, n.d.; Viva Porto, 2021b).

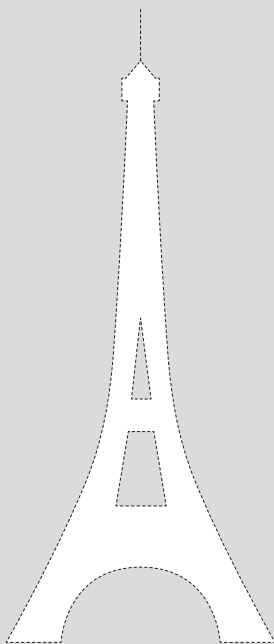


A história da Santos & Irmãos começou em 1858, quando José dos Santos, estudante da Academia Portuense de Belas Artes, começou a fabricar as suas próprias molduras inspiradas nos modelos franceses, ingleses e holandeses da época (Santos & Irmãos, n.d.). O sucesso foi rápido, e José dos Santos juntou-se ao seu irmão, António dos Santos, para fundar a primeira casa de molduras do Porto e de todo o norte de Portugal (Santos & Irmãos, n.d.; Viva Porto, 2021b).



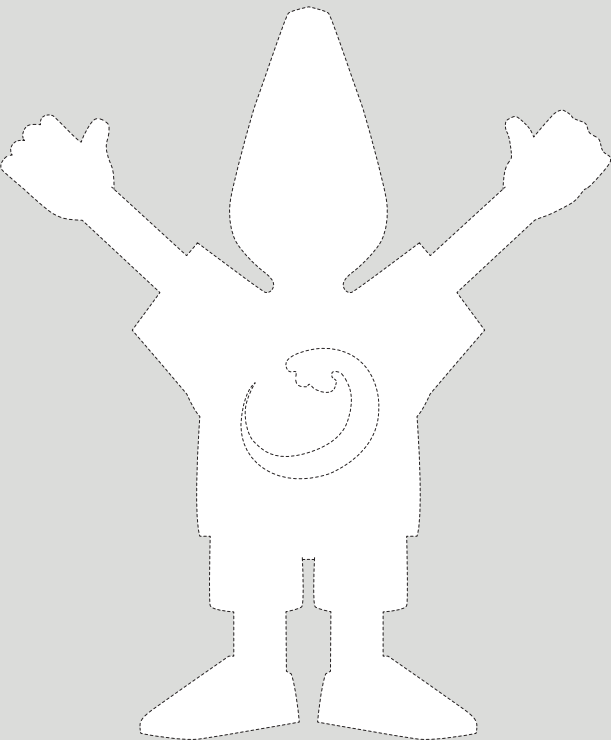
A casa Santos & Irmãos teve várias conquistas ao longo dos anos. Participou na *Exposition Universelle de Paris* em 1900¹, onde conquistou a medalha de bronze pelos caixilhos e molduras apresentados. Em 1910, forneceu as molduras para o Palácio da Bolsa, incluindo as molduras do Salão Árabe. No mesmo período, executou os detalhes dourados a folha de ouro no Salão Nobre e no Salão dos Passos Perdidos do Edifício dos Paços do Concelho, futuras instalações da Câmara Municipal do Porto. Em 1926, recebeu a medalha de ouro aquando da sua participação na Exposição Industrial Portuguesa² realizada no então Palácio de Cristal. A casa também foi distinguida com o Diploma de Honra pela sua participação na Grande Exposição do Norte de Portugal em 1933. Em 1940, foi encomendada à oficina uma moldura em madeira com acabamento em folha de ouro para o painel de São Vicente de Fora, que foi posteriormente apresentado ao público. A casa também emoldurou as obras de arte expostas na ala da pintura clássica do Museu Nacional de Soares dos Reis, inaugurado em 1942. Em 1958, a Santos & Irmãos completou 100 anos de existência e organizou uma exposição de arte de grandes mestres da pintura portuguesa para assinalar a data. No mesmo ano, foi publicado um pequeno livro intitulado “Santos & Irmãos – 100 anos de atividade industrial”, no qual é possível rever vários testemunhos de ilustres clientes da casa (Santos & Irmãos, n.d.; Viva Porto, 2021b).

AS CONQUISTAS



1. A Exposição Universal de 1900 em Paris foi a quinta do género, sucedendo às edições de 1855, 1867, 1878 e 1889. Surgiu da ideia de uma exposição internacional originária da Inglaterra em 1851, e em Paris, exposições industriais decorriam na Cour Carrée do Louvre desde o século XIX. A primeira exposição, em 1855, ocorreu nos Champs-Élysées e no Cours-la-Reine, com o Palais de l'Industrie. A segunda, em 1867, deu-se no Champ de Mars, num grande edifício oval. A exposição de 1878 abrangeu o Champ de Mars e a colina de Chaillot, com o Palais du Trocadéro. Em 1889, no centenário da Revolução, destacou-se a exposição no Champ de Mars, no quai d'Orsay e na esplanada des Invalides, tendo a Torre Eiffel como protagonista. A Exposição Universal de 1900 foi a mais ambiciosa, estendendo-se por 120 hectares, acrescentando o eixo monumental dos Champs-Élysées aos Inválidos, com a construção do Grand e Petit Palais. A primeira linha de metropolitano foi inaugurada em 1900, com novas gares construídas. A exposição promoveu diversos meios de transporte internos, como botes no Sena e uma “rua do futuro”, um trottoir roulant (Ageorges, 2006).

A casa também participou na Expo '98³, fornecendo diversos painéis para o Pavilhão de Portugal. Em 2018, a Santos & Irmãos foi distinguida como estabelecimento Porto de Tradição⁴ pela Assembleia Municipal do Porto. Em 2019, concluíram-se as obras de requalificação do edifício original da Santos & Irmãos e a marca passou por um rebranding em conjunto com o gabinete Antero Ferreira Design, vencedor da menção honrosa de design de comunicação e o 2º prémio de Design And, pela Associação Nacional de Designers (Santos & Irmãos, n.d.).

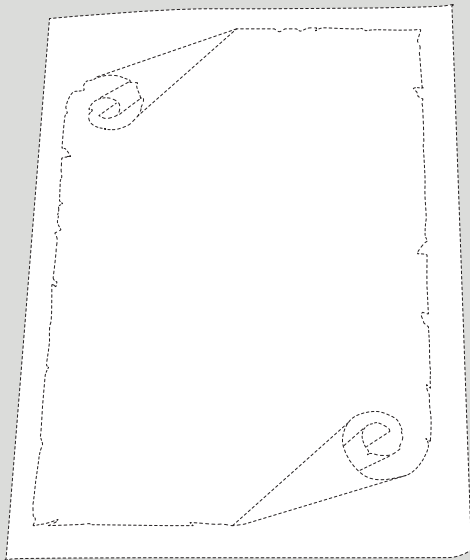


O REBRANDING

2. Foram realizadas cinco exposições industriais no Porto considerando a cronologia: em 1857, 1861, 1865, 1891 e 1897. A primeira teve carácter local e a segunda já abrangia o âmbito nacional, ambas organizadas pela Associação Industrial Portuense. As restantes foram da iniciativa da Sociedade do Palácio de Cristal Portuense. A exposição de 1865 foi internacional, e as duas últimas, ocorridas após um hiato de mais de um quarto de século, foram estritamente nacionais. A primeira exposição de 1857 surgiu como uma experiência modesta que expandiu-se e foi realizada no Asilo de Mendicidade. Em 1861, a exposição ocorreu no Palácio da Bolsa e marcou a reconciliação entre diferentes interesses económicos. Em 1865, a Sociedade do Palácio de Cristal inaugurou o Palácio e organizou uma exposição internacional. A exposição de 1891 foi um evento mais simples, com enfoque em produtos de indústria ligeira. Em 1897, realizou-se outra exposição, sem motivações políticas como a anterior, seguindo o modelo da de 1891.

Com o início do século XX, as grandes exposições industriais deram lugar a eventos mais focados em culturas, ciências e inovações técnicas. As feiras industriais tornaram-se mais comuns, oferecendo uma abordagem comercial e técnica para os empresários. Em 1921, ocorreu a primeira feira organizada pelos empresários da Associação Portuense, marcando uma nova fase nas exibições de produtos (Alves, n.d.).

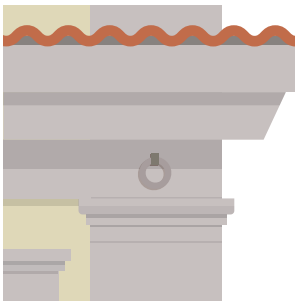
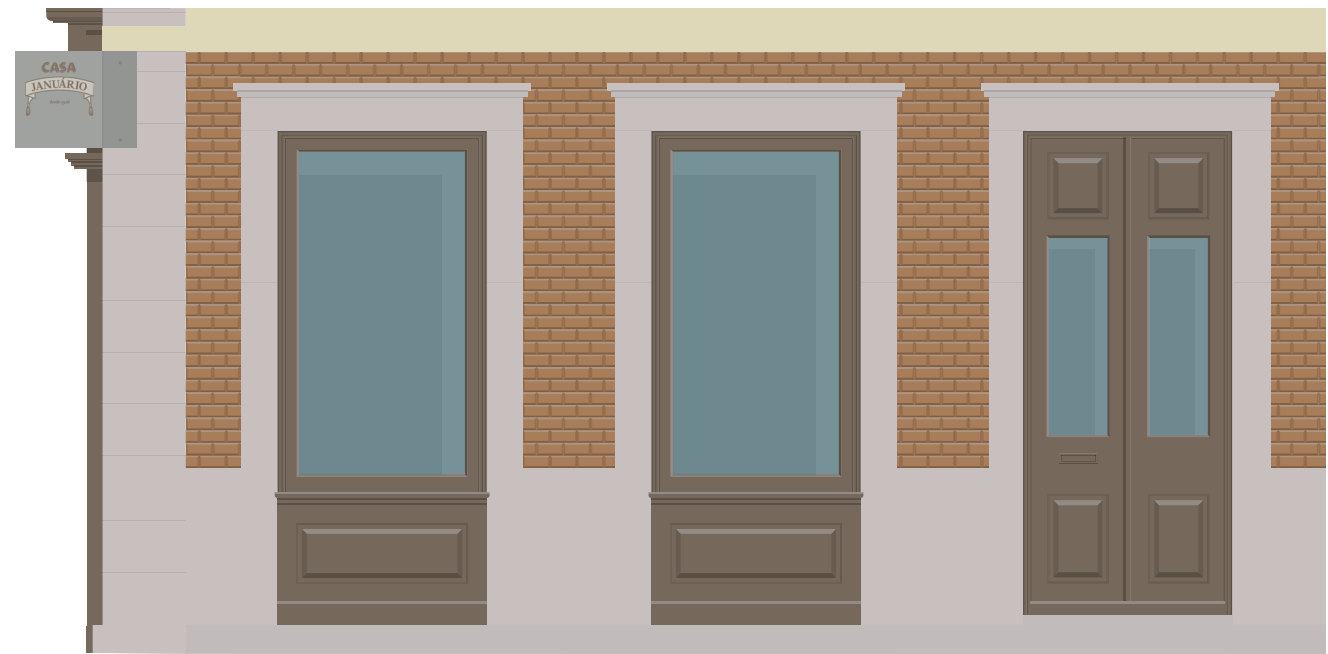
3. A Expo '98 em Lisboa ocorreu na zona oriental junto ao rio Tejo de 22 de maio a 30 de setembro de 1998. Com o tema "Os Oceanos, Um Património para o Futuro", celebrou o 500.º aniversário do Caminho Marítimo para a Índia e explorou questões éticas e tecnológicas sobre o futuro da humanidade, destacando a importância dos oceanos como símbolo de comunicação entre povos e sua relação com o equilíbrio do planeta (Porto Editora, n.d.-b).



4. A Câmara Municipal do Porto, consciente da importância de preservar o comércio local e tradicional, implementou políticas para revitalizar as atividades económicas que têm relevância cultural e histórica na cidade. Em 2016, formou o Grupo de Trabalho Porto de Tradição, envolvendo representantes de diferentes áreas. O objetivo desse grupo é estabelecer critérios de reconhecimento para estabelecimentos comerciais e entidades de interesse local, considerando aspetos urbanísticos, arquitetónicos, históricos, culturais, económicos e sociais. Um Grupo de Terreno foi criado para testar esses critérios no terreno. Até maio de 2019, o Porto de Tradição seguiu a Lei n.º 42/2017. Em maio de 2019, o Regulamento Porto de Tradição foi publicado, definindo critérios especiais para avaliar os pedidos de reconhecimento (Câmara Municipal do Porto, n.d.).

A loja-oficina é reconhecida como a mais antiga do mundo no fabrico de molduras. Além das molduras, a loja oferece obras de arte e telas para pintura. A Santos & Irmãos é conhecida também pelo seu trabalho com revestimento com folha de ouro e mantém parte do seu mobiliário original, como o balcão com pormenores em talha dourada e a máquina registadora importada dos Estados Unidos. A loja tem uma ligação estreita e harmoniosa entre a obra de arte e a moldura, e é frequentemente procurada para substituir caixilhos antigos de obras emolduradas noutras casas. A Santos & Irmãos tem uma clientela fiel, com várias famílias que encomendam molduras desde a sua fundação (Santos & Irmãos, n.d.; Viva Porto, 2021b).





VIII. CASA JANUÁRIO

Rua do Bonjardim, 352

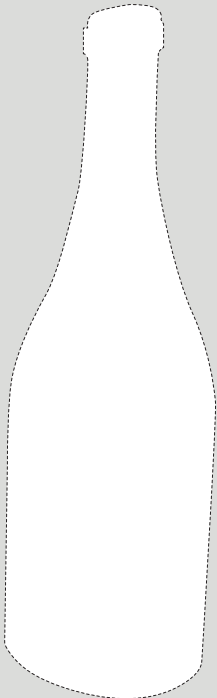
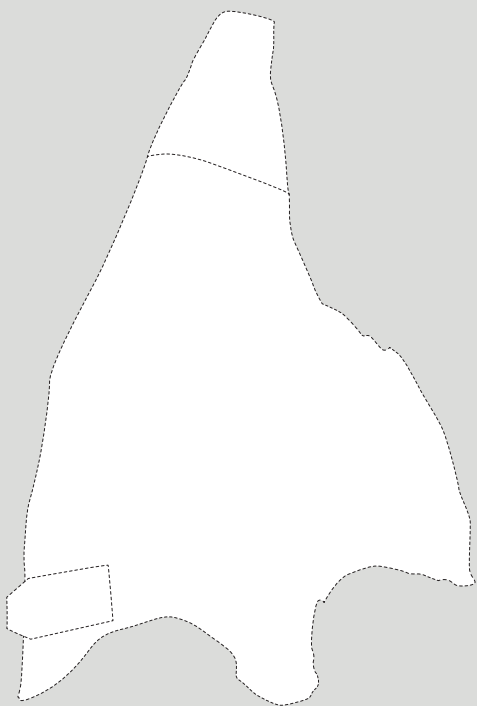
A Casa Januário, fundada em 8 de Junho de 1926 por Januário Gil Mendes Ferreira, é uma mercearia fina localizada no centro do Porto. Januário, descendente de uma família de lavradores da Barroca do Zézere, foi para a cidade do Porto aos 14 anos como aprendiz e, apesar das dificuldades da época e da falta de capital próprio, conseguiu estabelecer-se e alcançar um sucesso notável. Aos 40 anos, Januário comprou a quota do sócio, também padrinho de casamento, tornando-se o único proprietário do negócio (Casa Januário, n.d.).

A CASA

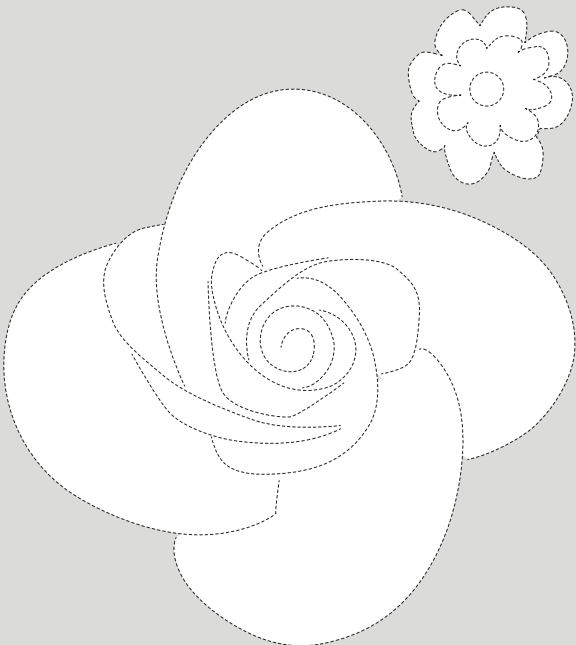
A MERCEARIA

A mercearia é um local de paragem obrigatória para os amantes de decoração de bolos, compotas, chás, café e bolachas. Ao longo dos anos, a mercearia expandiu a sua oferta para incluir produtos a granel, fruta desidratada, frutos secos, especiarias, vinhos, produtos dietéticos e sementes, acompanhando as novas tendências e as preferências dos clientes.

A mercearia também descobriu uma nova área de destaque: a decoração de bolos. Inicialmente, o pai de Nuno percebeu que havia uma grande demanda por florzinhas de açúcar para decorar bolos, e gradualmente essa área tornou-se mais conhecida e procurada na loja. Hoje em dia, embora não seja a principal, a decoração de bolos é considerada uma das áreas mais importantes da Casa Januário (Viva Porto, 2021a).

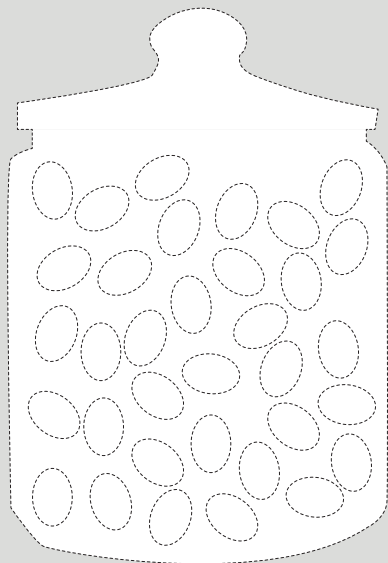


Em 1965, Nuno Manuel, o segundo filho de Januário, juntou-se à empresa e promoveu algumas mudanças significativas. A loja passou por uma reformulação, adotando um modelo de autoatendimento para adaptar-se à concorrência dos supermercados. No entanto, a Casa Januário manteve as suas características diferenciadoras como uma mercearia fina, oferecendo atendimento personalizado e produtos de alta qualidade (Casa Januário, n.d.).



TRADIÇÃO

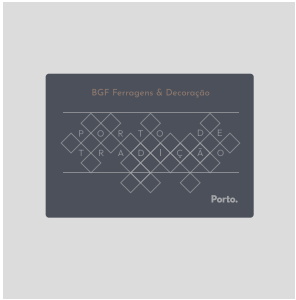
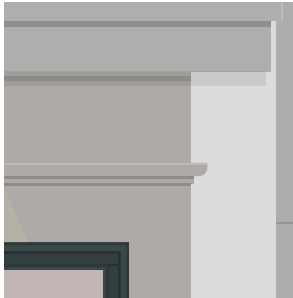
A Casa Januário preserva o aspeto original do espaço, mantendo a atmosfera tradicional que a caracteriza. Os pinheirinhos em alumínio, de vários tamanhos, são exibidos nas prateleiras, enquanto os frutos secos e a fruta cristalizada são cuidadosamente dispostos em sacos de serapilheira¹ (Magazine, 2017).



1. O saco de serapilheira é uma bolsa de tecido de juta natural tradicionalmente utilizado na embalagem de diversos produtos, além de ser empregado na produção de itens decorativos e em atividades recreativas. Originalmente, era amplamente empregado na embalagem e armazenamento de alimentos, tais como café, cereais, arroz e batatas (Barbosa, n.d.).

A relação entre os clientes e as funcionárias da Casa Januário é marcada pela cumplicidade e pelo atendimento personalizado. Os proprietários, Nuno e a sua irmã, estão sempre abertos a ouvir as necessidades e os pedidos especiais dos clientes, buscando atendê-los da melhor forma possível. Essa tradição de atendimento personalizado é uma característica antiga da Casa Januário, transmitida de geração em geração (Magazine, 2017; Viva Porto, 2021a).



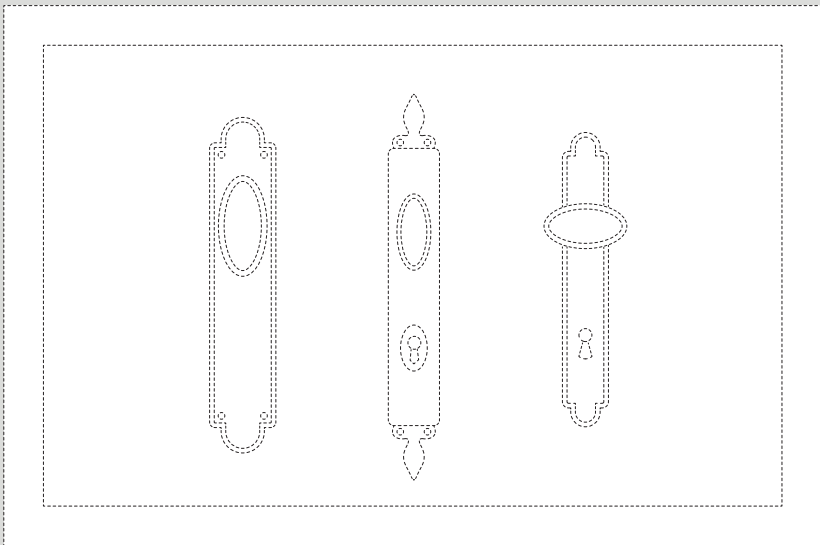


IX. BFG FERRAGENS E DECORAÇÃO

Rua do Bonjardim, 404

ALOJA

A loja Bernardino Francisco Guimarães (BFG Ferragens e Decoração) está localizada na Rua do Bonjardim, número 404, na baixa do Porto desde 1900. Com mais de 100 anos de história, a BFG é uma loja de ferragens especializada que combina tradição e estilo, oferecendo uma ampla variedade de produtos de alta qualidade e exclusividade aos seus cliente (BFG – Ferragens & Decoração, LDA., n.d.; Viva Porto, 2022).

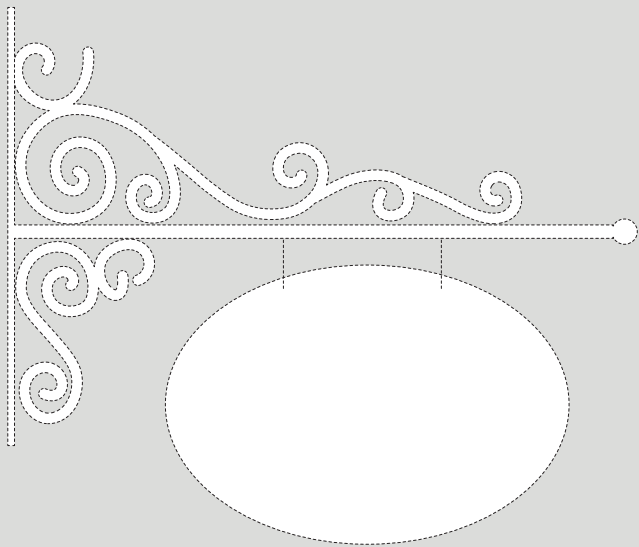


A loja é distinguida pelo selo “Porto de Tradição” e tem desempenhado um papel importante na cidade ao longo dos anos. Fundada por Bernardino Francisco Guimarães e Maria Amália da Fonseca Guimarães, a BFG rapidamente se tornou uma das lojas mais frequentadas na cidade, atraindo clientes interessados em ferragens, cutelaria e ferramentas (BFG – Ferragens & Decoração, LDA., n.d.).

AS MUDANÇAS

Após o falecimento dos fundadores, Heitor da Fonseca Vale assumiu a loja em 1952 e dedicou a sua vida ao estabelecimento, expandindo a rede de fornecedores e importando materiais de toda a Europa. A loja passou por algumas dificuldades após o 25 de Abril de 1974¹, devido às mudanças no mercado e às restrições nas importações. No entanto, a BFG adaptou-se e direcionou a sua oferta para a qualidade e exclusividade dos produtos, especialmente para móveis antigos, restauros e réplicas.

A tradição familiar continua na BFG, com a entrada da terceira geração no negócio. Alexandra Vale de Oliveira, neta de Heitor Vale, criou a loja online da BFG em 2008, permitindo a divulgação e distribuição das ferragens para todo o país e estrangeiro. Além disso, Romi e Marina Vale, filhas de Heitor Vale, também estão envolvidas no negócio, mantendo a tradição e buscando a modernização necessária (BFG – Ferragens & Decoração, LDA., n.d.; Viva Porto, 2022).



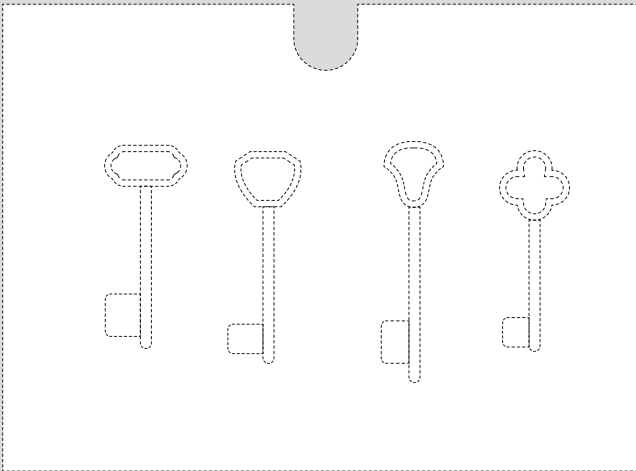
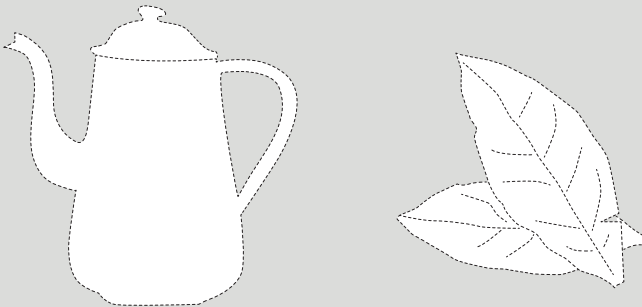
1. A Revolução do 25 de abril aconteceu num contexto de economia robusta, com uma moeda forte (cerca de 10 escudos para um marco alemão e 25 escudos para um dólar), reservas significativas de ouro e crescimento económico. Apesar do choque petrolífero de 1973, a economia portuguesa manteve-se resiliente por algum tempo. No entanto, após a revolução, houve uma quebra na taxa de crescimento devido a fatores como o aumento de salários, indisciplina e chegada de retornados das ex-colónias.

A situação foi agravada pelas nacionalizações das empresas e pela diminuição das exportações para as ex-colónias, que eram um mercado importante para os produtos portugueses na altura. A crise económica resultou no desequilíbrio nas contas do Estado e na balança de pagamentos, levando ao recurso ao crédito internacional e à desvalorização do escudo.

As tentativas de solucionar a crise incluíram desvalorizações do escudo, limites ao crédito e revalorização pontual após as eleições de 1979. No entanto, fatores políticos e económicos, como lutas partidárias e o segundo choque petrolífero em 1979, dificultaram a recuperação económica (Porto Editora, n.d.-c).

LOJA E CAFETARIA

A loja não se limita apenas a ferragens, mas também oferece móveis em segunda mão e a cafeteria Pátio Bonjardim, um jardim secreto em plena baixa do Porto localizado no pátio interior da loja. A loja possui um segmento de produtos voltados para a decoração, com um estilo rústico e vintage, além de peças exclusivas e réplicas de ferragens antigas. Os clientes da BFG apreciam o atendimento personalizado e a proximidade, além da possibilidade de encomendar ferragens personalizadas de acordo com suas necessidades (BFG – Ferragens & Decoração, LDA., n.d.; Viva Porto, 2022).



A BFG tem enfrentado desafios ao longo dos anos, como a concorrência das grandes superfícies e as mudanças no comportamento de compra das pessoas. No entanto, a loja tem se adaptado, mantendo o foco na exclusividade dos produtos e na qualidade que os clientes possivelmente não encontram noutros lugares. Com uma atitude renovada em relação ao comércio tradicional, as pessoas têm voltado a procurar a baixa do Porto e a BFG tem se beneficiado disso (Viva Porto, 2022).

“O tempo que antecede a nossa existência no mundo, mas cuja proximidade à nossa vivência se encontra ligado às narrativas familiares, às pessoas que conhecemos e que viveram antes de nós, representa em muitos casos um território mitológico. Somos marcados pelas narrativas que nos precederam, seja pelas imagens e as histórias dominantes que sobreviveram ao passar do tempo, seja pela ausência de informação sobre esse tempo, por aquilo que permanece um mistério e pelas zonas cinzentas da memória.”

(Sousa, 2017, p.69)

REFERÊNCIAS

- Agencia Papoca. (2020, May 27). Arquitetura neoclássica: história, características, principais obras. Laart; Laart. <https://laart.art.br/blog/arquitetura-neoclassica/>
- Ageorges, S. (2006). L'exposition de 1900 - Atlas historique de Paris. Paris-Atlas-Historique.fr; Atlas Historique de Paris. <https://paris-atlas-historique.fr/70.html>
- Alves, J. F. (n.d.). As Exposições Industriais no Porto oitocentista – Conservas de Portugal by Can the Can. Conservas de Portugal. Retrieved June 22, 2023, from <https://conservasdeportugal.com/as-exposicoes-industriais-no-porto-oitocentista/>
- Barbosa, R. (n.d.). Sacos de Serapilheira. Sacore. Retrieved June 12, 2023, from <https://www.sacore.pt/sacos-de-serapilheira>
- Barros, C. (2021, September 28). Fernão de Oliveira: a “primeira anotação da língua portuguesa” - O nosso idioma - Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Ciberduvidas.iscte-lul.pt; Instituto Universitário de Lisboa. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/fernao-de-oliveira-a-primeira-anotacao-da-lingua-portuguesa/4676#>
- BFG – Ferragens & Decoração, LDA. (n.d.). A Nossa Loja - BFG | Bernardino Francisco Guimarães. BFG – Ferragens & Decoração. Retrieved January 31, 2023, from <https://bfg.pt/a-nossa-loja/>
- Câmara Municipal do Porto. (n.d.). Porto de Tradição | Comércio e Turismo. Comercioturismo.cm-Porto.pt; Câmara Municipal do Porto. Retrieved June 10, 2023, from <https://comercioturismo.cm-porto.pt/comercio/porto-de-tradicao>
- Casa Januário. (n.d.). Casa Januário - Casa Januário. Www.casajanuario.pt. Retrieved January 31, 2023, from <https://www.casajanuario.pt/pt-pt/casa-januario>
- Centro Nacional de Cultura. (2016, May 3). Centro Histórico do Porto | e-cultura. E-Cultura.pt; CNC. https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/2246
- Cleto, J. (2008). Cerco Do Porto - Toponímia. <https://pt.scribd.com/document/6228004/Cerco-Do-Porto-Toponimia-por-Joel-Cleto#>
- Cleto, J. (2016, July 5). Caminhos da História - Palacete de Silva Monteiro. Portocanal.sapo.pt; Porto Canal. https://portocanal.sapo.pt/um_video/7syqPFz1GOnOlcwaeJYR

Cleto, J. (2020, September). Sabia que...A morte do Barão Forrester não foi tão lendária quanto se conta? Associação Comercial Do Porto. <https://cciporto.com/2020/10/27/sabia-que-a-morte-do-barao-forrester-nao-foi-tao-lendaria-quanto-se-counta/>

Coimbra, E., & Romão, L. (2011). O processo de projeto na reabilitação: a casa burguesa do Porto. *PARC*, 2(7). <https://doi.org/10.20396/parc.v2i7.8634581>

Condes de Azevedo Palace. (n.d.). Palácio. condesdeazevedopalace.com. Retrieved January 31, 2023, from <https://www.condesdeazevedopalace.com/o-palacio>

Correia/Ragazzi Architectos. (2012, November 28). Reabilitação do Edifício Forrester / Correia/Ragazzi Architectos. *ArchDaily Brasil*; *ArchDaily*. <https://www.archdaily.com.br/br/01-83147/reabilitacao-do-edificio-forrester-slash-correia-slash-ragazzi-arquitectos>

Cunha, M. (2011, May 8). Palacete dos “Guedes” - Porto. *Portais-Brasões-Al drabas-Tranquetas*. <http://manueljosecunha.blogspot.com/2011/03/palacete-na-praca-da-batalha-porto.html>

Cunha, M. (2021, February 7). Brasão dos Portocarrero - Porto. *Portais-Brasões-Al drabas-Tranquetas*. <http://manueljosecunha.blogspot.com/search/label/Bras%C3%B5es%20-%20Porto?max-results=20>

de Sousa, M. (2017, November 13). As invasões francesas e a tragédia da ponte das barcas - Porto by Livraria Lello. *Porto by Livraria Lello*; *Livraria Lello*. <https://portoby.livrarialello.pt/as-invasoes-francesas-tragedia-da-ponte-das-barcas/>

Direção-Geral do Património Cultural. (n.d.-a). Monumentos. *Www.monu-mentos.gov.pt*; *Direção-Geral do Património Cultural*. Retrieved January 31, 2023, from http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5551

Direção-Geral do Património Cultural. (n.d.-b). Monumentos. *Www.monu-mentos.gov.pt*; *Direção-Geral do Património Cultural*. Retrieved January 31, 2023, from http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28274

Direção-Geral do Património Cultural. (2011, July 27). Monumentos. *Www.monu-mentos.gov.pt*; *Direção-Geral do Património Cultural*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20011

Direção-Geral do Património Cultural. (2016). Monumentos. *Monumentos.gov.pt*; *Direção-Geral do Património Cultural*. http://www.monu-mentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20034

Equipe Editorial. (2022, June 19). Rococó e Barroco: você sabe quais são as diferenças? *Arteref*; *art ref*. <https://arteref.com/movimentos/diferenca-entre-rococo-e-barroco/>

Farr, I. (2012). *Memory - Documents of Contemporary Art*. Whitechapel Gallery.

Frazão, D. (2023, April 16). Biografia de Miguel de Cervantes. *EBiografia*; *eBiografia*. https://www.ebiografia.com/miguel_cervantes/

Hisour. (n.d.). Neo-manuelino – HiSoUR Arte Cultura Exposição. *HiSoUR*; *HiSoUR*. Retrieved August 10, 2023, from <https://www.hisour.com/pt/neo-manueline-28503/>

Hisour. (2018, April 22). Arquitetura neogótica. *HiSoUR Arte Cultura Expo-sição*; *HiSoUR*. <https://www.hisour.com/pt/gothic-revival-architec-ture-29094/>

Imbrosi, M., & Martins, S. (2023). Romantismo. *Historia Das Artes*. <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/romantismo/>

Jornal de Notícias. (2021, July 1). Palacete secular do Porto sede dos Vinhos Verdes vira espaço cultural em 2023. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/artes/-palacete-secular-do-porto-sede-dos-vinhos-verdes-vi-ra-espaco-cultural-em-2023-13895865.html/>

Lopes, M. (2017, July 27). Feitoria Inglesa - Grandes Escolhas. *Vinho Gran-des Escolhas*. <https://grandesescolhas.com/feitoria-inglesa/>

Magazine, N. (2017, December 19). Porto: cinco mercearias à moda antiga que alimentam a tradição do natal. *Notícias Magazine*; *JN - Jornal de Notícias*. <https://www.noticiasmagazine.pt/2017/porto-cinco-mer-cearias-moda-antiga-alimentam-tradicao-do-natal/historias/209712/>

Marinho, L. (2021, October 13). Romântico e moderno, o Palacete Silva Monteiro abre-se à cidade. *Evasões*; *Jornal de Notícias*. <https://www.evasoes.pt/o-que-fazer/romantico-e-moderno-o-palacete-silva-mon-teiro-abre-se-a-cidade/1023720/>

Museu do Porto. (2020, July 17). Banco de Materiais. *Museu Da Cidade Porto*. <https://museudacidadeporto.pt/estacao/banco-de-materiais/>

N Cultura. (2019, January 17). O Palácio da Batalha no Porto. *Ncultura*; *Ncul-tura*. <https://ncultura.pt/o-palacio-da-batalha-no-porto/>

NH Collection Hotels. (n.d.). *NH Collection Porto Batalha*. *NH Collection Hotels*. Retrieved May 25, 2023, from <https://www.nh-collection.com/pt/hotel/nh-collection-porto-batalha>

Nora, P. (1989). Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. Representations, 26, 7–24. <https://doi.org/10.2307/2928520>

Nora, P. (1993). Entre memória e história: A problemática dos lugares. In Y. A. Khoury (Trans.), Projeto História 10 . PUCSP

Portal Turístico do Douro. (n.d.). Cachão da Valeira - Roteiro do Douro. Roteiro Do Douro. Retrieved June 10, 2023, from <https://www.roteirododouro.com/poi/cachao-da-valeira>

Porto Editora. (n.d.). Camilo Castelo Branco. Porto Editora; Porto Editora. Retrieved June 21, 2023, from <https://www.portoeditora.pt/autor/camilo-castelo-branco/39147>

Porto Editora. (n.d.-b). EXPO’98. Infopédia; Porto Editora. Retrieved June 10, 2023, from [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$expo’98](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$expo’98)

Porto Editora. (n.d.-c). Instabilidade Socioeconómica pós-25 de abril. Infopédia; Porto Editora. Retrieved July 12, 2023, from [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$instabilidade-socioeconomica-pos-25-de-abril](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$instabilidade-socioeconomica-pos-25-de-abril)

Porto Editora. (n.d.-d). Virgílio na Infopédia [em linha]. Infopédia; Porto Editora. Retrieved June 10, 2023, from [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$virgilio](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$virgilio)

RC Restaurante. (n.d.). Início. RC - Restaurante. Retrieved January 31, 2023, from <https://www.rc-restaurante.pt/>

Santos & Irmãos. (n.d.). A Casa. Santos E Irmãos. Retrieved January 31, 2023, from <https://www.santosmolduras.pt/a-casa/>

Shepherd, A. (2020). Joseph James Forrester . British Historical Society of Portugal .

Silva, C. S., & Rêgo, G. (2012). Passeios pelo Porto (2nd ed., Vol. 1). Cordão de Leitura.

Sousa, N. (2017). Imagens em Falta Desenho, Narrativa Gráfica e o Trabalho da Memória [Tese de Doutoramento]. <https://hdl.handle.net/10216/102442>

Universidade Digital. (2019). U.Porto - Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: José Rodrigues. Sigarra.up.pt; Universidade do Porto. https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1000943

Universidade do Porto. (n.d.). U.Porto - Enquadramento Urbano do Edifício da Reitoria da Universidade do Porto - Nota biográfica de Carlos Alberto. Sigarra.up.pt; Universidade do Porto. Retrieved June 10, 2023, from <https://rb.gy/0xg01>

Universidade do Porto. (2012, July 5). U.Porto - Enquadramento Urbano do Edifício da Reitoria da Universidade do Porto - Palacete dos Viscondes de Balsemão (Praça de Carlos Alberto). Sigarra.up.pt; Universidade do Porto. <https://rb.gy/48ou9>

Viana, I., & Calisto, M. (2017, April 26). Palácio da Bandeirinha: De morada nobre a casa de missionárias - JPN. JPN - JornalismoPortoNet; JPN. <https://www.jpn.up.pt/2017/04/26/palacio-bandeirinha-morada-nobre-casa-missionarias/>

Viva Porto. (2014, April 3). Novo empreendimento turístico nasce no Palácio dos Condes de Azevedo. Viva Porto. <https://viva-porto.pt/novo-empreendimento-turistico-nasce-no-palacio-dos-condes-de-azevedo/>

Viva Porto. (2021a, January 4). Casa Januário. Viva Porto. <https://viva-porto.pt/casa-januario/>

Viva Porto. (2021b, November 3). Santos & Irmãos. Viva Porto. <https://viva-porto.pt/santos-irmaos/>

Viva Porto. (2022, July 1). BFG – Ferragens e Decoração. Viva Porto. <https://viva-porto.pt/bfg-ferragens-e-decoracao/>

Lugares de Memória - Porto tem como principal objetivo explorar e revelar a história de parte do património histórico arquitetónico da cidade, por meio de uma abordagem visual e narrativa.

A obra destaca alguns edifícios emblemáticos, porém não tão conhecidos como os pontos turísticos, e partilha algumas das histórias que moldaram a existência destes lugares ao longo dos anos. Através de ilustrações e textos retirados de diversas fontes, o projeto tenta criar uma conexão com a riqueza cultural e histórica da cidade, ao mesmo tempo em que contempla a beleza das fachadas dos seus edifícios.

Desta forma, o livro busca homenagear alguns dos tesouros arquitetónicos que resistem ao tempo, com o intuito de ajudar a perpetuar a memória coletiva destes locais e a preservar a identidade dos mesmos.